



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**NATHAN RAPHAEL VAROTTO**

**A PRÁTICA SOCIAL DA MEDIAÇÃO NO *FÚTBOL CALLEJERO*:  
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES**

**São Carlos-SP**

**2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



NATHAN RAPHAEL VAROTTO

**A PRÁTICA SOCIAL DA MEDIAÇÃO NO *FÚTBOL CALLEJERO*:  
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos - na linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

São Carlos-SP

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

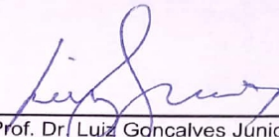
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

**Folha de Aprovação**

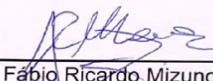
---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Nathan Raphael Varotto, realizada em 21/02/2020:



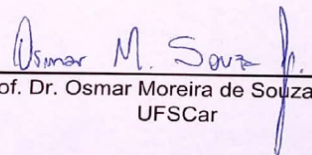
---

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Júnior  
UFSCar



---

Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos  
IFSP



---

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior  
UFSCar

Dedico este trabalho às minhas filhas, Clara e Maria Luiza que são minha inspiração e à minha companheira Camila que, com amorosidade, sempre está ao meu lado. Tudo por vocês!

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho faz parte de um sonho, que está se realizando e muitas pessoas fizeram parte desta jornada e por isso deixo registrado meus agradecimentos:

Primeiramente à Cristo, pelo legado de fé, humanidade e amor aos homens e às mulheres.

À minha primeira mãe, Cristiane, que me deu a vida e com garra, determinação e amorosidade me ensinou a viver, sou grato por tudo o que fizeste por mim. Te amo *ad infinitum*.

À minha segunda mãe, querida avó Suely, que com seu amor me conduziu para os melhores caminhos. Te amo Vó!

À minha terceira mãe, Tia Érika, que com ternura sempre estava doando seu tempo e seu amor a mim. Te amo!

Ao meu irmão, carinhosamente chamado de Kinho, por dividir comigo o tempo da infância, da brincadeira, do jogo, da juventude e agora da vida adulta. Tempo que não volta, mas que foi, incomensuravelmente, melhor desfrutado ao seu lado, obrigado por fazer parte do meu ser.

Ao meu primeiro Pai, Neto, por me ensinar a não ter medo dos desdobramentos da vida. Te amo.

Ao meu segundo Pai, Reginaldo, que sempre esteve disponível a me ensinar os melhores caminhos. Te amo.

Ao Kilson (Lucca) e Pedro, por trazerem alegria, o Dindo ama vocês!

À Darlete, por me acolher e mostrar que a vida é: “bonita, é bonita e é bonita”. Te amo Dadá!

Ao Edgard, Diego, Neide (Bruna) e Gabi por compartilharmos bons momentos em família.

Aos estimados Skeeter e Siri, pela amizade, pois quem têm amigos, tem tudo!

Ao Tchos, por me ter me conduzido até a Universidade Federal de São Carlos.

Aos/Às colegas do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física.

Vandrigo, Carol, Mariana, Vini, Vitão, Robert, Gui e toda a galera da Ação Educativa e da Rede Paulista de Futebol de Rua que desde 2014 seguimos fortalecendo nossa amizade e lutando pelo *Fútbol Callejero*, vocês são feras!

Ao amigo e orientador Luiz Gonçalves Junior, por sua dialogicidade e amorosidade, me ensinar a olhar cuidadosamente a outrem, uma orientação de/para vida.

Ao amigo Fábio Mizuno, por sempre estar ao meu lado e ensinar a partir de sua experiência, muito obrigado!

Ao professor e amigo Osmar pelos diálogos e ensinamentos que são duradouros.

Ao amigo Gorpo, por compartilhar processos educativos e ter me apresentado o *Fútbol Callejero*.

Aos/Às Pós-Walderianos/as, pela amizade construída e pelos momentos de descontração e confraternização.

Ao PPGE/UFSCar e à Linha de Práticas Sociais e Processos Educativos pela educação de pública e de qualidade e por me ajudar a iniciar um processo de descolonização do ser e do saber.

Aos/Às amigos e amigas e Professores/as da Educação Física da UFSCar pelos diálogos mediados por um gostoso cafezinho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) processo nº 2018/11349-8, pelo apoio financeiro que foi fundamental para a realização desta pesquisa.

O Presente Trabalho foi realizado, inicialmente, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

## RESUMO

No andamento do curso de Licenciatura em Educação Física fui percebendo que a educação não se restringe à escola, nos educamos com o/a outro/a em todos os tempos-espacos. Ao conhecer e me identificar com essa perspectiva de vida, decidi então procurar por projetos sócio-educacionais e acabei por conhecer um projeto de atividades de lazer em que participam crianças de bairros periféricos de um município do interior de São Paulo. Dentre as atividades diversificadas desenvolvidas nesse projeto há o *Fútbol Callejero*, jogo em que tive maior proximidade, sendo, inclusive, convidado a participar como mediador do Mundial de Futebol de Rua, que aconteceu em julho de 2014, na cidade de São Paulo. A partir das experiências no projeto e no mundial, bem como da percepção de seu potencial educativo, decidi aprofundar os estudos nesta prática social. Isto posto, o principal objetivo desta pesquisa é identificar e compreender processos educativos que decorrem da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*. O estudo foi realizado a partir de pesquisa de corte qualitativo, a qual não se atém em generalizações ou em neutralidade na investigação. O caminho percorrido por este estudo, tanto na coleta como na análise dos dados, teve inspiração fenomenológica, mais especificamente no que tange ao fenômeno situado. Para a coleta de dados, utilizou-se entrevistas com seis mediadores/as realizadas em março de 2019, que participam ou participaram de reuniões de formação na metodologia do *Fútbol Callejero*. As análises das entrevistas resultaram em duas categorias, a saber: a) “Construção do conhecimento e vivências de novas práticas”; b) “Protagonismo comunitário no tornar-se mediador/a de *Fútbol Callejero*”. Consideramos que em sua raiz, os idealizadores do *Fútbol Callejero*, tinham o anseio de que a partir da vivência do jogo se fortalecesse o protagonismo juvenil, a liderança, o diálogo e a recuperação de valores como respeito, cooperação e solidariedade.

**Palavras-Chave:** Processos Educativos. *Fútbol Callejero*. Mediação.

## ABSTRACT

Through the course of the university degree in Physical Education I realized that education is not restricted to the school environment. We educate ourselves with each other at all times and spaces. From this new perspective, I decided to search socio-educational projects and ended up finding a project of leisure activities directed to children from the suburbs of a city in the interior of São Paulo state. Amongst the activities developed by this project there is *Fútbol Callejero*, a game which I felt a deep affinity. After becoming engaged to this Project, I was invited to participate as a mediator of the Street Football World Cup, which took place in July 2014, in the city of São Paulo. From the experiences in the project and in this event, as well as the perception of its educational potential, I decided to deepen the studies in this social practice. Therefore, the main objective of this research is to identify and understand educational processes that emerge from the social practice of the mediation in the *Fútbol Callejero*. This study was conducted based on qualitative research, which does not focus on generalizations or research neutrality. The path taken by this study, both in data collection and analysis, had phenomenological inspiration, more specifically concerning the situated phenomenon. For data collection, we used interviews with six mediators held in March 2019, who attended or are attending training meetings on the *Fútbol Callejero* methodology. The analysis of the interviews resulted in two categories, namely: a) “Knowledge development and new practices experience”; b) “Communitary protagonism on becoming a *Fútbol Callejero* mediator”. We consider that at its roots, the creators of *Fútbol Callejero* hoped that the game experience strengthened youth protagonism, leadership and dialogue, besides recovering values such as respect, cooperation and solidarity.

**Keywords:** Educational Processes. *Fútbol Callejero*. Mediation.



**Lista de Quadros**

**Quadro 1:** Dissertação e Tese encontradas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e artigo encontrado na *Scientific Electronic Library Online* entre os anos 2014-2019.....12

**Quadro 2:** Apresentação Geral dos/as Colaboradores/as.....38

**Quadro 3:** Matriz Nomotética.....41

## Sumário

Introdução.....	9
Questão de Pesquisa e Objetivo.....	10
1º TEMPO.....	11
Revisão de Literatura.....	11
Referencial Teórico.....	19
Prática Sociais e Processos Educativos, Educação e Formação Humana.....	19
Conscientização, Dialogicidade, Humanização e Libertação.....	23
A Prática Social da Mediação no <i>Fútbol Callejero</i> .....	34
2º TEMPO.....	36
Procedimentos Metodológicos.....	36
3º TEMPO.....	40
Construção dos Resultados.....	40
Considerações.....	51
Referências.....	55
APÊNDICE.....	58
Guisoccerart.....	58
Ricardo.....	61
Vinne Fragoso.....	63
Mocoreta.....	68
Valentina.....	71
Luciana.....	73
ANEXO I.....	76
ANEXO II.....	77

## Introdução

No andamento do curso de Licenciatura em Educação Física, fui percebendo que a educação não se restringe à escola: nos educamos com o(a) outro(a) em todos os tempos-espacos. Ao conhecer e me identificar com essa perspectiva de vida, decidi então procurar por projetos sócio-educacionais e acabei por conhecer um projeto de atividades de lazer em que participam crianças de bairros periféricos da cidade de São Carlos, situada no interior do estado de São Paulo.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas nesse projeto há o *Fútbol Callejero*<sup>1</sup>, jogo em que tive maior proximidade, sendo, inclusive, convidado a participar como mediador do Mundial de Futebol de Rua, que aconteceu em julho de 2014, na cidade de São Paulo. A partir das experiências no projeto e no Mundial, bem como da percepção de seu potencial educativo, decidi aprofundar os estudos nesta prática social.

A vivência do *Fútbol Callejero* foi inicialmente divulgada pela *Fundación Fútbol para el Desarrollo* – FuDe, localizada na cidade de Buenos Aires, Argentina, a qual publicou as experiências com o jogo no livro “*Fútbol callejero: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina*” (ROSSINI et al., 2012).

Segundo Rossini et al. (2012), a prática do *Fútbol Callejero* foi iniciada nas imediações de Moreno, em Buenos Aires, na Argentina, em meados de 1994, com a proposta de recuperar o espaço de protagonismo e diálogo entre os(as) jovens, em um contexto onde a violência estrutural atravessava todas as relações: familiares, no bairro, na escola e com a comunidade. Desde então tem conquistado praticantes por toda a América Latina em projetos sociais de seus respectivos países.

Nessa prática não se ganha só fazendo mais gols; se obtém a vitória por pontos que são acordados no primeiro tempo de cada partida. Ou seja, há regras diferentes a cada encontro e atribui-se a tais regras a pontuação desejada, na qual o gol deixa de ser a principal ferramenta para a vitória, e com isso o jogo se dá e se faz valer pelos três pilares do *Fútbol Callejero*: cooperação, respeito e solidariedade (Rossini et al. (2012)).

No *Fútbol Callejero*, meninos e meninas, homens e mulheres, e pessoas de qualquer faixa etária dividem o mesmo espaço de jogo. O árbitro sai de cena e entra um(a) mediador(a) com um papel de facilitador(a) do diálogo e da percepção de valores como

---

<sup>1</sup> A expressão *Fútbol Callejero* é originária da língua espanhola, em português pode-se traduzir para “Futebol de Rua” ou “Futebol Rueiro”. Ao longo do texto será escrito em espanhol a fim de manter a essência e originalidade da expressão.

respeito, cooperação e solidariedade, que balizam todas as ações nos três tempos da prática. No primeiro tempo, há o estabelecimento de regras pelos(as) envolvidos(as) no jogo; no segundo, os(as) participantes jogam a partir das regras criadas; e no terceiro, as pessoas dialogam, estimuladas pelo(a) mediador(a), sobre as ocorrências do jogo, colocam em relevo as situações de respeito, cooperação e solidariedade (ROSSINI et al., 2012).

Fui compreendendo, nas experiências com o *Fútbol Callejero*, que o papel do(a) mediador(a) é indispensável para o intento de estímulo e facilitação do diálogo, na busca compartilhada por Ser Mais (FREIRE, 2013) e, por esse motivo, voltei meu olhar para a formação do(a) mediador(a).

Foi assim que me aproximei de uma organização social chamada Ação Educativa, sediada na cidade de São Paulo, a qual realiza, em comunidades periféricas do município, a formação de mediadores (as) entre os(as) jovens das próprias comunidades, com o objetivo de que possam atuar como lideranças locais e fortalecer a prática do *Fútbol Callejero* (AÇÃO, 2017).

Desde então, decidi investigar os processos educativos que decorrem da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*, pois muito me despertava atenção as relações humanas entre os(as) envolvidos(as).

Inspirado na metodologia do *Fútbol Callejero*, que se dá em três tempos, esta dissertação também contou com três tempos, a saber:

- 1º tempo, no qual é apresentada a revisão de literatura dos últimos seis anos (2014-2019), realizando com esta um diálogo com o referencial teórico a partir de conceitos como práticas sociais e processos educativos, educação, formação humana, conscientização, dialogicidade, humanização e libertação;
- 2º tempo, apresentação da abordagem metodológica qualitativa e procedimentos de coleta e análise dos dados;
- 3º tempo, apresentação da construção dos resultados, tendo em vista os processos educativos decorrentes da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*.

### **Questão de Pesquisa e Objetivo**

A questão de pesquisa desta investigação é: quais os processos educativos vivenciados na prática social da mediação no *Fútbol Callejero*?

A fim de responder tal questão, o objetivo central desta pesquisa é: identificar e compreender processos educativos que decorrem da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*.

## 1º TEMPO

### Revisão de Literatura

Em maio de 2019, realizamos buscas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), com restrição entre os anos 2014-2019, a partir da palavra-chave “*Fútbol Callejero*” ou “Mediação”, escolhendo a opção “Assunto” - quando se faz a opção por este tipo de busca, os resultados versam sobre os assuntos de que trata o estudo. Foram identificados 05 registros, sendo todos dissertações de mestrado. No *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) utilizamos as mesmas palavras-chave, porém nesta base de dados não tem a opção “Assunto”, então escolhemos “Título”- neste caso a base de dados filtrou artigos que constam “Futebol” ou “Futsal” ou “*Fútbol Callejero*” ou “Mediação” no título. Foram encontrados 54 artigos. Com o intuito de atualizar esta revisão de literatura, realizamos novas buscas nas mesmas bases de dados em dezembro de 2019: na BDTD teve o acréscimo de uma tese de doutorado, e no Scielo foram acrescentados 7 artigos. Vale ressaltar que mantivemos os padrões de buscas em ambas bases de dados.

Depois da leitura dos 61 resumos de artigos, das 5 dissertações e de 1 tese, foram selecionados, respectivamente, 1 artigo, 1 dissertação e 1 tese que tratam do *Fútbol Callejero*, pois os demais, em sua maioria, tratam de futebol ou futsal de alto rendimento e análises fisiológicas. Tais práticas ainda são muito exploradas na dimensão esportivo-competitiva, carecendo de estudos com análises centradas em outras perspectivas, como social, educacional, entre outras relacionadas a humanidades, além de não superarem a singularidade do futebol e lançar luz à pluralidade dos *futebóis*, que se trata de um fenômeno multifacetado e polissêmico.

Os três registros selecionados para aprofundamento (ver tabela 1) o foram devido a aproximação que possuem dos objetivos e referencial teórico-metodológico deste estudo, que prima pela identificação e compreensão de processos educativos que decorrem da prática social da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, a partir de aportes da educação e das epistemologias do sul.

**Quadro 1** – Dissertação e tese encontradas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), e artigo encontrado na *Scientific Electronic Library Online* entre os anos 2014-2019.

Nº	Título da Dissertação (D), Artigo (A) e Tese (T)	Autor(a)	Ano de defesa/publicação	Área/Revista	Assunto
01	A construção de valores orientada pela metodologia <i>callejera</i> na educação física escolar (D)	Lígia Estronioli de Castro	2018	Educação Física	<i>Fútbol Callejero</i> , Metodologia <i>Callejera</i>
02	<i>Fútbol Callejero</i> : nascido e criado no sul (A)	Maurício Mendes Belmonte e Luiz Gonçalves Junior	2018	Revista Crítica de Ciências Sociais	Educação Popular, Futebol de Rua
03	<i>Fútbol Callejero</i> : processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente (T)	Maurício Mendes Belmonte	2019	Educação	Processos Educativos, <i>Fútbol Callejero</i> , Motricidade Emergente

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Vale ressaltar que a revisão de literatura tem como principal objetivo apresentar ao leitor(a) o que de mais recente se tem pesquisado sobre um determinado tema, também assegurando ao(à) autor(a) do estudo informações e formação prévia sobre o tema que está investigando, neste caso a mediação no *Fútbol Callejero*. Como pudemos perceber, pautados nos resultados desta revisão de literatura, no campo acadêmico, tal assunto ainda é pouco pesquisado.

Iniciamos pelo artigo intitulado “*Fútbol Callejero*: nascido e criado no sul”, publicado em 2018 pela Revista Crítica de Ciências Sociais. O artigo objetivou:

[...] identificar, descrever e compreender os processos educativos decorrentes de uma sistematização de experiência com a prática social do *fútbol callejero* que é desenvolvida no projeto socioeducativo VADL-MQF junto a crianças e adolescentes moradoras/es de bairros periféricos e empobrecidos da cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo, Brasil (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018, p. 158).

Os autores também trazem para o diálogo a prática de futebóis, considerando que o *Fútbol Callejero* é uma possível prática de futebol, dentre tantas outras existentes e praticadas ao redor do mundo, em diferentes contextos e culturas:

[...] facilmente ainda encontramos diferentes maneiras de se jogar o futebol, ou como intencionalmente preferimos denominar futebóis (no plural), especialmente nas periferias populares das cidades, onde crianças, jovens e adultos(as) brincam e jogam futebóis com distintas características: espaços (em campos de terra batida, centros comunitários, pátios de escolas e igrejas, gramados de praças e parques, ruas menos transitadas por automóveis); implementos (bola feita de meia, papéis amassados, garrafas plásticas e/ou suas tampas, entre outros); representações de traves (pedras, estacas, postes de luz, portões, chinelos, entre outros); dimensões do campo (de acordo com a disponibilidade); regras (inclusive criadas pelos participantes no momento do jogo); número de jogadores (conforme interessados na prática, podendo inclusive serem as equipes mistas, com homens e mulheres ao mesmo tempo); ou seja, um sem-fim de possibilidades (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018, p. 157).

Desta maneira, vislumbrando outros olhares para a bola nos pés, que não se resume a habilidades técnicas, desempenho esportivo, métodos de treino e a frequente esportivização<sup>2</sup>, O que pretende é tornar visível o potencial educativo dos futebóis, em especial, o *Fútbol Callejero* - que se considera uma prática social da qual decorrem processos educativos perpassantes a relações estabelecidas ao vivenciar este jogo em diferentes tempo-espacos (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018).

Os autores situam e contextualizam que o surgimento do *Fútbol Callejero* se deu em uma região empobrecida da periferia da área metropolitana de Buenos Aires, Argentina,

---

<sup>2</sup> “Supervalorização da competição e do elemento espetacular-visual costumeiro no âmbito do esporte de rendimento, vinculado ao interesse da exibição de performance para outrem ou de busca estética compulsiva ao aspecto físico massificado e padronizado pelos meios de comunicação, em detrimento da realização de práticas corporais autônomas e significativas, desenvolvidas pelo prazer desencadeado por elas mesmas, com satisfação pessoal intrínseca” (RODRIGUES; GONÇALVES JUNIOR, 2009, p. 988).

justificando assim, o título do artigo, pois esta prática fora criada e pensada no *Sul*, geográfico e epistemológico. Afirmam que Fabían Ferraro, um ex-jogador de futebol profissional, foi quem estruturou a prática em questão que tem como premissa três valores:

- **Respeito:** a outrem e aos acordos e regras combinados pelos(as) participantes durante toda a prática;
- **Cooperação:** entre todos e todas participantes da prática, em oportunidades equitativas de receber a bola, de participar das jogadas, de se engajarem no ataque e/ou na defesa, enfim, de plenamente jogar;
- **Solidariedade:** ações empreendidas na tentativa de tornar o jogo mais justo e equilibrado, dirimindo as diferenças e contribuindo com o bom andamento da partida (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018, p. 157).

Vale ressaltar que no artigo em questão é apresentado o contexto de como o *Fútbol Callejero* foi extrapolando o território argentino até chegar a diferentes lugares do mundo, inclusive no Brasil, em dois distintos estados: São Paulo e Rio Grande do Sul.

Até meados de 2018, havia oito polos<sup>3</sup> na capital do estado de São Paulo -todos em bairros periféricos: Capão Redondo, Grajaú, Parque Santa Madalena, Heliópolis, Parque São Rafael, Barra Funda, Jardim Paulistano e Jaçanã-, e dois no interior: um na cidade de Limeira e outro em São Carlos. Entre o fim do ano de 2018 e início de 2019, houve ampliação com o estabelecimento de mais três polos de cidades do interior paulista, a saber: Araras, Taubaté e Guaratinguetá.

O contexto do artigo posto em diálogo se dá em uma parceria entre os projetos “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” e “Mais Que Futebol” (VADL-MQF) na cidade de São Carlos, no qual frequentam crianças de 7 a 17 anos, sendo a maioria dos(as) participantes residentes em bairros periféricos. Para a coleta dos dados, os registros foram elaborados a partir de diários de campo, correspondentes ao período entre os meses de agosto a dezembro de 2016 (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018).

Já a análise dos dados esteve assentada no referencial da fenomenologia, a qual possibilitou:

[...] a articulação entre diferentes unidades de significados (provenientes de distintos participantes e de distintos diários de campo), as quais formaram convergências e/ou divergências, possibilitando a construção da categoria temática “*Fútbol callejero* é para ser mais!” (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018, p. 168).

---

<sup>3</sup> Polo é o nome que faz referência à determinado local em que ocorrem os encontros de *Fútbol Callejero* na cidade de São Paulo.



A partir do percurso metodológico, foi possível tecer algumas compreensões acerca do *Fútbol Callejero* sob a ótica de quem o vivencia, oportunizando o encontro de subjetividades a fim de que os(as) envolvidos(as) possam ser mais. Os autores ainda anunciam o *Fútbol Callejero* como uma motricidade emergente (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018).

Passamos agora a dialogar com a dissertação intitulada “A construção de valores orientada pela metodologia *callejera* na educação física escolar”. Na introdução do trabalho a autora comenta sua trajetória até conhecer o *Fútbol Callejero*.

Ela conta que desde criança tinha o desejo de ser professora, por se inspirar em sua mãe, e que na vida escolar o componente curricular que mais lhe cativou foi a Educação Física e por isso decidiu cursar Licenciatura em Educação Física. Ao terminar a graduação, ingressou como docente no sistema público de ensino e, corriqueiramente, em cada início de ano letivo, enfrentava novos desafios, pois como havia ingressado recentemente no sistema público de ensino do Estado de São Paulo, escolhia as aulas que sobravam e geralmente eram situadas em escolas da periferia consideradas indisciplinadas e agressivas (CASTRO, 2018).

Incomodada com a realidade vivida, buscava alternativas pedagógicas a fim de identificar valores, como respeito e coletividade, tendo em vista estabelecer relações mais harmoniosas entre os(as) estudantes e entres estes(as) com os(as) educadores(as). Foi a partir de uma oficina que ocorreu no SESC de Bauru que teve contato com o *Fútbol Callejero* e: “Essa amostra de educação popular inclusiva me inspirou a trabalhar princípios propostos por essa metodologia em minhas aulas” (CASTRO, 2018, p. 11).

Uma das premissas dessa metodologia são valores como respeito, cooperação e solidariedade. A autora decidiu utilizá-la em suas intervenções com crianças e adolescentes no ambiente escolar; dessa iniciativa surgiu a ideia de desenvolver uma dissertação a fim de compartilhar e sistematizar as experiências, cujo objetivo foi: “Analisar um processo de intervenção com o conteúdo ‘futebol’, orientado pela metodologia *Callejera* nas aulas de Educação Física para os alunos do 9º ano do ensino fundamental” (CASTRO, 2018, p. 14).

Como destacado no trecho supracitado:

Tal metodologia, devido à sua dedicação em desenvolver o esporte por meio de um viés que busca dar visibilidade a valores como: solidariedade, respeito e cooperação, parece estar mais alinhada aos propósitos de uma educação escolar que busca transformar a sociedade em que vivemos (CASTRO, 2018, p. 69).

Nesse sentido, pode-se dizer que a metodologia *Callejera* é passível de vivência em diferentes jogos, como por exemplo, o Rúgbi, que foi citado em uma investigação com o *Fútbol Callejero* na escola, conforme segue:

O potencial transformador da metodologia do *Fútbol Callejero*, inclusive, estimulou o professor da turma a utilizá-lo para o desenvolvimento de outros conteúdos: “[...] estou tentando aplicar o método do *Fútbol Callejero* no Rúgbi e está sendo muito bom” (VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS; MORAES, 2018, p. 113).

Para a investigação em questão, a metodologia *Callejera* fora aplicada dentro do tema “futebol” para educandos(as) do 9º ano de uma escola pública do interior do estado de São Paulo e contou com uma unidade didática de 15 aulas.

Como procedimento de coleta dos dados foram utilizados diários de aula e entrevistas que foram feitas em dois momentos: no primeiro, se utilizou dois roteiros de perguntas, sendo um relacionado ao jogo e a metodologia, e outro momento referente às implicações sobre o ato de mediar às partidas de *Fútbol Callejero*. O primeiro questionário continha dez questões, inicialmente respondido por cinco estudantes (CASTRO, 2018).

Aliando as entrevistas aos diários de aula, realizou-se a análise desses dados e emergiram três categorias, a saber: “1. A construção de valores mediada pela Metodologia *Callejera*. 2. Estrutura e dinâmica da Metodologia *Callejera*. 3. Desafios e possibilidades da Metodologia *Callejera* na escola” (CASTRO, 2018, p. 83).

Por fim, trago um trecho das considerações tecidas pela autora:

Trabalhar com essa metodologia foi enriquecedor, uma vez que me senti desafiada em diferentes momentos ao longo do processo. A experiência em trabalhar com essa concepção esportiva diferenciada despertou sentimentos profissionais que pareciam estar adormecidos em mim em função da demanda burocrática imposta pelos órgãos governamentais, me permitindo experimentar novas provocações vinculadas ao ato de aprender e ensinar. Sair da zona de conforto ao qual me encontrava, estimulou o anseio por novos saberes e formas mais democráticas e inclusivas de se ensinar. A parceria constante com os alunos revelou, dentre tantas coisas, a importância de se reconhecer o aluno como um agente transformador e da importância de se promover atividades que favoreçam o desenvolvimento dessas competências, incentivando a autonomia dos estudantes e seu potencial crítico (CASTRO, 2018, p. 113).

Neste momento, passamos a dialogar acerca da tese intitulada: “*Fútbol Callejero*: processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente”.

O autor anuncia que parte de “bases epistemológicas para a libertação” (BELMONTE, 2019, p. 21) para a construção da tese em questão, que teve como objetivo:

Identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do *Fútbol Callejero*, bem como dos momentos em que sua lógica de avaliação dos pilares serviu de referência para a análise da convivência entre os(as) participantes durante as atividades diversificadas desenvolvidas no contexto do projeto VADL-MQF (BELMONTE, 2019, p. 63).

O autor recorre ao estudo das sociologias das ausências e das emergências, propostas por Santos (2002), e relaciona tais conceitos com o *Fútbol Callejero*.

A *ausência* se dá pela condição de invisibilidade no campo científico e político em que figura o *Fútbol Callejero*. Contudo, o considera uma motricidade emergente por suscitar o diálogo em diferentes âmbitos e por proporcionar o intercâmbio de diferentes saberes, tendo também a possibilidade da vivência de diferentes experiências motrizes. Mais adiante, nessa dissertação, será abordada a Motricidade Humana e assim o(a) leitor(a) poderá compreender o porquê do termo motricidade.

O desenvolvimento da tese se deu a partir da metodologia de sistematização de experiências, proposta por Jara-Holliday (2006), que compreende cinco momentos: “ponto de partida, perguntas iniciais, recuperação do processo vivido, reflexão de fundo e os pontos de chegada” (JARA-HOLLIDAY, 2006; BELMONTE, 2019).

O autor apresenta em *ponto de partida* o processo de participação e registro das experiências. É nessa seção que se apresenta o local, a rotina e as motivações do autor para desenvolver a pesquisa sob a temática do *Fútbol Callejero*.

Em *perguntas iniciais* é o momento da apresentação e diálogo com o contexto teórico, que fundamenta e dá base para reflexões acerca das experiências vividas; é também nesta parte que emergem algumas problematizações, como por exemplo: Por que sistematizar? Que experiência queremos sistematizar? Quais aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (JARA-HOLLIDAY, 2006 citado por BELMONTE, 2019, p. 18).

No intento da *recuperação do processo vivido* ocorre a recuperação da história, ou seja, do tempo vivido no momento da inserção em campo, bem como a coleta de dados, que se deu por meio de diários e gravações do primeiro tempo e das mediações do *Fútbol Callejero*. A inserção ocorreu no projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer – Mais Que Futebol” (VADL-MQF). O período de coleta dos dados

foi entre agosto de 2016 e janeiro de 2017, e depois com dois encontros pontuais: em 19 e 21 de dezembro de 2017 (BELMONTE, 2019)

A partir da sistematização de experiências, o momento de *Reflexão de Fundo*: “[...] se configurou como o momento de realização da análise, síntese e interpretação crítica dos dados que foram colhidos em campo e organizados no momento anterior – o de recuperação do processo vivido” (BELMONTE, 2019, p. 19).

Em *pontos de chegada* são apresentadas as considerações a que se chegaram com o desenvolvimento da tese. Uma das considerações feitas pelo autor é a sugestão de que em pesquisas futuras conste no título ou nas palavras-chave as palavras *Fútbol Callejero* e/ou *Metodologia Callejera* (que foi mote de uma dissertação que também compõe esta revisão de literatura). Sobre tal sugestão, o autor assevera: “[...] nossa proposição é para que se mantenha o uso da expressão ‘*Fútbol Callejero*’, mas que seja acompanhada da expressão ora indicada” (BELMONTE, 2019, p. 179).

O autor anuncia o *Fútbol Callejero* como uma Motricidade *Callejera*, pois figura como uma ferramenta da educação popular contra o capitalismo, o machismo e o patriarcado, e que a tradução para o português da palavra *Callejera* é “rueira”. A rua figura como um espaço de luta e resistência, além de ser um espaço propício para as diversas expressões de educação popular - e com isso há de ser um ambiente de empoderamento das manifestações populares (BELMONTE, 2019).

Nos três estudos postos em diálogo por essa revisão de literatura foi possível destacar alguns processos educativos, tais como dialogicidade, alteridade, protagonismo juvenil, reconhecimento de outrem e criticidade do fenômeno *Fútbol Callejero*. Cada estudo o analisou de uma perspectiva diferente, dois em contexto de projeto de extensão e o outro em ambiente escolar, especificamente com o 9º ano de ensino fundamental. Faz-se necessário mais investigações, com outros olhares e contextos, aprofundando diferentes perspectivas que o fenômeno *Fútbol Callejero* pode ensejar.

## **Referencial Teórico**

O referencial teórico desta dissertação será apresentado a seguir e abordará inicialmente nossa compreensão sobre práticas sociais e processos educativos, educação e formação humana, na sequência os conceitos de conscientização, dialogicidade, humanização e libertação e se encerra com o diálogo a partir da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*.

### **Prática Sociais e Processos Educativos, Educação e Formação Humana**

Para entender o que são os processos educativos faz-se necessário descrever brevemente os percursos de uma disciplina que posteriormente tornou-se uma linha de pesquisa dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos.

A criação da linha de pesquisa “Práticas sociais e processos educativos” iniciou como uma disciplina em meados de 1990, em decorrência da elaboração do projeto pedagógico do doutorado de uma das áreas de concentração (OLIVEIRA et al., 2014).

Naquele momento os(as) educadores(as) e estudantes partiam do pressuposto de que nos construímos enquanto seres humanos no decurso de nosso convívio com outrem e daí emergiram questões:

Como as pessoas se educam? Onde? Em que relações? Além da escola, em que práticas sociais nos educamos? De que maneira processos educativos integrantes destas práticas sociais podem contribuir para aqueles que ocorrem na escola? (OLIVEIRA et al., 2014, p.19).

Tais questões começaram a ser respondidas a partir do momento em que docentes e estudantes foram a campo, a fim de desnudar processos educativos dos fenômenos contidos no interior das diversas práticas sociais. Vale ressaltar que as reflexões deste grupo delimitaram, intencionalmente, um território concreto e, ao mesmo tempo ideológico, a saber: América Latina.

A partir das ações e reflexões, o grupo passou a denunciar as mazelas sofridas pelo povo Latino Americano e anunciar, pelas práticas sociais, as superações das marcas trazidas e deixadas pelos colonizadores. Por isso, ousou afirmar, que pesquisar processos educativos em práticas sociais é um ato político.

É importante descrever, literalmente, o que são e onde se desenvolvem práticas sociais, segundo Oliveira et al., 2014:

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (p. 33).

Neste sentido:

Entendemos que os processos educativos ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoa (GONÇALVES JUNIOR, CARMO; CORRÊA, 2015, p. 176-177).

Passo agora a dialogar com a obra de autores(as) que escrevem sobre educação e formação humana. Dessa maneira, serão apresentados e discutidos conceitos que fazem menção aos temas supracitados para compreensão da ação educativa, bem como as aproximações com esta pesquisa, pois:

O processo de pesquisar também é um processo de permitir pesquisar-se. O movimento que busca compreender, ampliar o conhecimento sobre o mundo, transformando-o, humanizando-o, é também movimento que busca compreender assim mesmo, num re-encontro com sua humanidade, com os seres humanos, seres no mundo (OLIVEIRA et al., 2014, p. 129).

Este trecho destacado versa sobre o envolvimento entre o fenômeno pesquisado e o pesquisador, que estão aí em diferentes prismas. As transformações que ocorrem durante os percursos da pesquisa permitiram o contato com diferentes fenômenos que provocaram mudanças na maneira em que vejo e vivo o mundo.

Trago para este diálogo um trecho do texto de Ernani Maria Fiori: “A verdadeira educação é participação ativa neste fazer em que o homem se faz continuamente. Educar, pois, é conscientizar e conscientizar equivale a buscar essa plenitude da condição humana” (FIORI, 1986, p. 4).

É uma possível definição indefinida<sup>4</sup> de educação, pois educação é um fenômeno humano e está inserido em uma totalidade complexa de relações humanas que tecem saberes e conhecimentos incorporados em cada pessoa, tornando possível a troca desses saberes e conhecimentos.

Daí que, no momento desta troca, quem recebe ressignifica e incorpora o saber ou conhecimento de acordo com sua realidade, o que torna plausível ampliar os olhares de seu mundo/história com outras visões de mundo/história. Diante deste intercâmbio realizado ao longo dos tempos, torna-se, assim, a educação um fenômeno imortal e atemporal, pois resiste ao tempo e ao espaço de modo que, enquanto houver vida humana, haverá educação e pessoas significando e “ressignificando” sua existência e história. Foi assim. Continuará sendo assim.

Fiori também trata de educação para libertação e, vislumbrando que isso ocorra, o comunicar das consciências é fundamental, porque a partir da intersubjetividade é que se dão as transformações das consciências:

A comunicação das consciências (a intersubjetividade) supõe um mundo, esse não poderia ser a mediação para o encontro das consciências, e estas se comunicariam sem o mundo – que não é o caso, pois somos seres encarnados – ou não se comunicariam. Uma vez mais: as consciências não se encontram, mas se constituem em intersubjetividade originária (FIORI, 1986, p. 6).

Nossas consciências se encontram no mundo, com outrem, e é aí que se inicia a educação para libertação: consiste em estarmos sendo com outrem, mediatizados pelo mundo, nos fazendo e re-fazendo, tendo em vista nossa libertação, daí que: “A educação é esforço permanente por constituir-se e re-constituir-se, buscando a forma histórica na qual possa re-encontrar-se consigo mesmo, em plenitude de vida humana, que é, substancialmente, comunhão social” (FIORI, 1991, p. 83). Quando é descortinado algo que faça sentido em meu mundo, me é possível voltar em mim com a subjetividade daquilo em meu real, até deparar-me com outra pessoa a qual atribuiu significado diferente daquela coisa em seu mundo, ou seja, outra subjetividade. Nos pomos em diálogo, balizados por nossas subjetividades, eis que então, fenomenologicamente, há o encontro das intersubjetividades, dessa maneira, reconhecendo as consciências.

Ainda hoje vivemos em constante assédio de alienação, o qual faz com que as pessoas se julguem “libertas”, nas palavras de Fiori (1991):

---

<sup>4</sup> Chamamos atenção do(a) leitor(a) da impossibilidade de uma definição única para educação, por isso indefinida, porque há diferentes compreensões de um mesmo fenômeno.

A libertação é processo que conduz à liberdade, a qual assume diferentes configurações circunstanciais, mas que, em qualquer delas, deverá coincidir com o pleno reconhecimento ativo do homem pelo homem – com sociedade que é, e dentro das condições objetivas da história que também é –, de tal maneira que ele tenha suficiente autonomia para plasmar a forma histórica de seu mundo, o que vale dizer, sua própria forma humana (p. 84).

Podemos coadunar as ideias de Fiori com a ideia de processos educativos que se dão na convivência e no diálogo, nos anúncios e denúncias das mazelas da vida, fazendo com que o povo se una para uma revolução cultural e para a ascensão da cultura popular, e também, ascensão da humanização.

Nesse ínterim, a justa circulação dos conhecimentos e saberes entre as pessoas (pode-se chamar de “intersaberes”) constitui outro fenômeno, que é o da formação humana, aqui vislumbrada como o processo de vida, pois tal formação está intimamente ligada aos diferentes momentos de convivência com outras pessoas, ou seja, a cultura de onde se vive e o contato com as outras: são essas situações existenciais que nos formam enquanto humanos.

O sentido de nossa existência é outro, por isso: “Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser” (FREIRE, 2015, p. 138). Pensar o(a) outro(a) como critério é tarefa descentralizadora do eu, exige situar-nos no mundo em que as existências se dão a partir do momento que nos reconhecemos no(a) outro(a), possibilitando assim, a significação do meu eu, nas relações com o(a) outro(a). Desse modo, nossa intersubjetividade emerge, confluindo na re-criação do meu mundo, a partir do mundo do(a) outro(a). Portanto, o critério de minha existência é o(a) outro(a), daí que:

[...] o diálogo é condição de possibilidade para compreender como, a partir dessa relação dialogal entre humanos, eles se constituem intersubjetivamente, tornando possível a constituição do ser-sendo, da consciência da realidade, da linguagem, da civilização, da história, da cultura (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p. 62).

O diálogo consiste em eu dizer a minha palavra, porém necessito encontrar, reconhecer e construir uma ponte dialógica com o(a) outro(a), e assim, dialeticamente, estar em reciprocidade o desvelar dos fenômenos vividos. Em acordo com Araújo-Olivera (2014):

No momento em que o *Outro* pronuncia sua palavra, ele se-revela, se descobre, em um duplo movimento de construção: para si mesmo (iluminando sua consciência) e para/com outros. Ao dizer, anunciar-denunciar sua negação, comunicar sua percepção, sua dor, sua emoção, sua paixão, seu sonho, sua luta, restaura a dimensão de humanidade que lhe tinha



sido arrebatada, vai além da violência imposta pela não escuta, pela interdição do corpo, palavra, pelo não diálogo; o sujeito se narra, se constrói nessa narração, se re-vela e ao se re-velar provoca e gera a aproximação, encurta distância, gera comum-união (comunidade), constroem-se pontes; a palavra é o contrário (oposto) da violência (p. 67).

Dessa maneira, pessoas em situação de exterioridade podem sentir-se pertencentes à totalidade que considere as diversidades.

Acredito que a busca de superação de uma totalidade hegemônica, por exemplo, no esporte, mais especificamente no “futebol” (que em diversos momentos se revela competitivo e excludente), deve partir de quem está na exterioridade, incluindo e superando as imposições do mundo esportivo-competitivo, como no contexto do *Fútbol Callejero*, que caminha junto com as pessoas, a partir da motricidade humana: ao jogarem, ao se movimentarem, dialogam com a resistência de jovens, visando ser mais. Um pouco adiante nesta dissertação será abordada a temática da motricidade humana.

### **Conscientização, Dialogicidade, Humanização e Libertação**

Passamos agora a nos deter à discussão de conscientização, dialogicidade, humanização e libertação.

Cada vez mais precisamos estar em contato com outras “palavras”, proferidas por outras pessoas, a fim de construir relações humanas, para juntos nos humanizarmos e assim, efetivamente, cada um(a) poder dizer a sua palavra. Dessa maneira, ao se promover o encontro dessas “palavras”, é que surge o diálogo.

Mais uma vez Fiori (2013) nos chama atenção para a consciência humana, a qual está intimamente ligada ao diálogo, pois ao dialogarmos estamos expondo nossa consciência do mundo com outrem:

Na constituição da consciência, mundo e consciência se põem como consciência do mundo ou mundo consciente e, ao mesmo tempo, se opõem como consciência de si e consciência do mundo. Na intersubjetivação, as consciências também se põem como consciência de um certo mundo comum e, nesse mundo, se opõem como consciência de si e consciência do outro. Comunicamo-nos na oposição, que é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade (FIORI, 2013, p .21).

O diálogo é responsável por constituir a consciência de quem dialoga, permitindo que os(as) envolvidos(as) promovam, também, o encontro das intersubjetividades, como já mencionado anteriormente.

Considero a liberdade a que Freire menciona em seus escritos o ápice de uma educação humanizadora, pois para se libertar é preciso o reconhecimento enquanto sujeito de sua história, aderido a outras histórias, processo este em que nos humanizamos, dando sentido à frase: “[...] a pedagogia faz-se antropologia” (FIORI, 2013, p. 13).

Conscientes de nossa liberdade, por isso, tanto Fiori (2013), quanto Freire (2013) e Dussel (2007), detêm-se a escrever sobre a consciência humana, e Freire (2013) ainda desenvolve a reflexão acerca do neologismo “conscientização”. Vale ressaltar que o conceito de “conscientização” surgiu de reflexões de uma equipe de professores no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Trata-se da palavra, criada por um dos educadores que participara junto das reflexões:

Quando ouvi pela primeira vez a palavra *conscientização* e, ao ouvi-la, imediatamente percebi a profundidade do seu significado, pois estava absolutamente convencido de que a educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma abordagem crítica da realidade (DUSSEL, 2007, p. 436).

Em consonância com o que Freire já estava desenvolvendo, tal conceito ajudou na elucidação mais concisa da liberdade envolvida na práxis educativa e, para isso, não poderia deixar de ser uma ação transmoderna (DUSSEL, 2005), sem considerar o real em que o(a) educando(a) está inserido. Arrisco-me a dizer que além de uma pedagogia crítica, é uma pedagogia existencial.

A cada leitura e re-leitura dos escritos sobre filosofia e pedagogia da libertação e motricidade humana, me motivo mais com esta pesquisa, principalmente em partir de pessoas que estão à margem, que lutam, diariamente, para que suas vozes sejam ouvidas. Se movimentam na semântica de uma resistência opressiva, praticando socialmente *Fútbol Callejero*, daí que: “[...] a conscientização continua o seu processo e se vai desenvolvendo como um movimento de radicalização crescente” (DUSSEL, 2007, p.441).

Ademais:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada *com* ele e não *para* ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que

faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 2013, p.43).

As situações de opressão, acontecem em diferentes lugares e de diferentes formas. Uma dessas ocorre, corriqueiramente, nos ambientes escolares; se trata da concepção bancária da educação:

O educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2013, p.80-81).

Trazendo essa concepção de educação para o futebol, o que se faz é padronizar o movimento ou gesto muito utilizado neste esporte, por exemplo, o modo de chutar a bola ao gol. Não há uma reflexão sobre o todo. Em alguns casos, se ensina por partes e os(as) educandos(as) recebem aquela informação e reproduzem, quando seria possível um ensino assentado na dialogicidade.

Considero o *Fútbol Callejero* um jogo dialógico, pois o foco não é se o movimento está correto e sim se a outra pessoa está incluída e integrada, com a oportunidade de jogar a sua maneira sem ser criticada por isso, denotando uma prática social em que todos(as) juntos(as) fazem o jogo acontecer.

Por isso a “Pedagogia do Oprimido” é uma ação político-social pensada e assentada na existência marcada de uma realidade opressiva a que muitas pessoas vivenciam e que tem o intuito de denunciar as mazelas e anunciar que só o oprimido pode se libertar e com isso libertar o opressor. Ainda, vislumbrando o resgate da humanização, transformada em busca do ser mais, inicia-se a dialética humanitária que parte da libertação-humanização-ser mais em um movimento intenso da afirmação autêntica de sermos humanos.

Freire (2013) aborda a dialogicidade enquanto essência da educação como prática da liberdade, ou seja, retoma alguns pontos tratados em outro livro: “Educação como Prática da Liberdade”. Nesse ínterim, reapresenta ao(à) leitor(a) o que ficou conhecido como “Método Paulo Freire”: trata-se de um método de alfabetização problematizadora, humanizadora e libertadora, inicialmente, desenvolvido na educação de adultos, mas que cabe em qualquer nível de ensino, seja dentro ou fora da escola e adequando-se a qualquer povo e sua realidade.

Para que seja possível a vivência desse método, antes de qualquer demonstração de conhecimento técnico, faz-se necessário o amor, a humildade e fé nas mulheres e nos homens, pois:

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 2013, p. 46).

Portanto, pode-se dizer que o ato de educar e educar-se exige profundo sentimento genuíno de estar com as pessoas, assim, juntos mediatizados pelo mundo, denunciarem e anunciarem sua palavra, fenômeno este que possibilita a transformação da realidade, um estar ao mundo com outrem subjetivando existências, em busca da humanização a fim de que haja libertação:

A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante, É uma práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 2013, p. 93).

É a partir dos fenômenos de humanização e libertação que me lancei a este processo de pesquisa com pessoas que atuam com o *Fútbol Callejero*, buscando me humanizar e me libertar em conjunto com outras pessoas, não apenas combinar regras e rolar a bola; exige de quem o pratica a solidariedade, o respeito e a cooperação para que possam juntos(as) se movimentarem para resistir a estes tempos inóspitos.

Não se pode deixar de: “analisar as teorias da ação cultural que se desenvolvem a partir da matriz antidialógica e dialógica” (FREIRE, 2013, p.167). Trata-se de denunciar as ações das elites que oprimem e roubam o vislumbre da libertação de pessoas e anuncia meios de ação, no qual o diálogo é o caminho de lutar juntos(as) a fim de ser mais e libertar-se.

Para isto, Freire (2013) traz como ações antidialógicas a conquista, que:

[...] implica um sujeito que conquista e um objeto conquistado. O sujeito da conquista determina suas finalidades ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador. Este, por sua vez, imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz ambíguo (p.186).

Essa conquista no passado foi violenta. As pessoas conquistavam as outras à força. Nos dias atuais, pode-se dizer que é uma conquista disfarçada de docilidade, mas que não deixa de ser uma ação pífia.

Entretanto: “[...] na ação da conquista, não seja possível apresentar o mundo como problema, mas, pelo contrário, como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar” (FREIRE, 2013, p.187). Ou seja, tirando-lhes o direito de sonhar e esperar, gerando assim a “anestesia histórica”.

Em dividir para manter a opressão: “[...] na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder” (FREIRE, 2013, p.190). Dessa forma, qualquer organização de um povo que pretende unir-se para reconquistar seus direitos roubados assustam a minorias que vivem para cindir o levante popular para manterem-se no poder, dificultando o encontro das consciências oprimidas e ofuscando ainda mais a percepção crítica da realidade.

Mais uma das ações antidialógicas praticadas por opressores(as) é a manipulação:

Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbanas), tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder (FREIRE, 2013, p.198).

Outra artimanha estruturada por quem oprime a fim de pulverizar qualquer mobilização popular; não raro aliciam pessoas de dentro da comunidade para informar tudo o que ocorre lá, sempre com o intuito de continuar a manipulação. Isso exige, de quem se percebe manipulado, estratégias de conscientização de outras pessoas a fim de agirem como “organização para libertação” e “des-manipular-se”.

A última ação antidialógica, tratada na pedagogia do oprimido, faz menção à invasão cultural que: “[...] é a penetração a que fazem os invasores no contexto cultural do invadido, impondo a estes, sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade ao inibirem sua expansão” (FREIRE, 2013, p.205). Pensar em invasão cultural é pensar no processo de colonização a que diversos povos e culturas sofreram com as invasões europeias a partir de guerra e violência. Já a invasão estadunidense e, em certa medida, a europeia, com invasões ideológicas. É possível perceber que as ações antidialógicas estão interligadas umas nas outras e interferem negativamente na vida das pessoas, principalmente das marginalizadas e empobrecidas.

Visando romper com esse processo antidialógico, são anunciadas algumas ações dialógicas: “[...] na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para transformação do mundo em co-laboração” (FREIRE, 2013, p.227). Além da colaboração, união, organização e síntese cultural constituem a dialogicidade em busca da humanização e libertação, tendo em vista que estamos-ao-mundo-com-outrem e é aí que, em comunhão e mediatizados pelo mundo, estaremos permanentemente resistindo a qualquer forma de opressão.

Nesse sentido, permite-me outro olhar, principalmente no que tange ao *Fútbol Callejero*: me faz pensar noutra forma de comunicação, que é a motricidade humana. Ao se movimentarem, meninos e meninas, dialogam de corpo inteiro. Talvez seja possível aprender a corporificar a sua palavra. Dispor-se a uma intersubjetividade motriz e coadunando consciências motrizes. É a partir do corpo que traçamos os primeiros caminhos do diálogo. Nos gestos do cumprimento, nos gestos que acompanham a fala, nas diferentes maneiras de “dizer” a palavra, sem ao menos torná-la audível.

A seguir, trago para diálogo de onde parto quando expresso nesta dissertação motricidade humana: surge de uma ruptura com o conceito de educação física que é inicialmente anunciada por John Locke e Jean-Jacques Rousseau, a partir dos escritos de Descartes (1995), o qual a dicotomia entre corpo-alma fundamenta a equivocada ideia de que alguns aspectos do ser humano são explicados por simples processos físicos. Sutilmente, dando a entender que os corpos funcionam como máquinas e podem ser consertados e/ou divididos em partes, por exemplo, cabeça, ombro, joelho e pé. Justamente neste ponto, dos fragmentos, de superar esta ideia, é que nasce a Ciência da Motricidade Humana, um:

[...] dado que a educação física não se limita ao *físico* e procura abranger o homem todo e todos os homens... no movimento intencional da transcendência, ou seja, no movimento de significação mais profunda. A dimensão do vivido na motricidade situa-se ao nível pré-objectivo, do pré-predicativo. Em poucas palavras: no dinamismo, na imprevisibilidade do próprio ente. O essencial na motricidade humana é a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe. O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida (SÉRGIO, 1999, p.17-18).

Sendo assim, as performances de ordem esportivas e físicas não são o que mais importa e sim a livre condição de se movimentar para resistir, existir, divertir, aprender,

experimentar e ser. Daí que: “[...] para comprender la motricidad se debe comprender al ser humano y su relación cotidiana com su mundo<sup>5</sup>” (SÉRGIO; TORO, 2005, p. 102)

Por isso mesmo, o movimento humano prescinde o diálogo, mas não o nega; o incorpora e juntos se fundem desde os tempos mais remotos para constituírem o ser humano. Dessa maneira, movimentando as palavras. Nesse sentido, a motricidade humana está imersa no campo da intencionalidade; não se trata de movimento pelo movimento, senão seria “movimentalismo”. Assenta-se na intenção situada de se movimentar a partir do corpo próprio (MERLEAU-PONTY, 2011) e da intencionalidade.

Coadunando com as discussões, as reflexões acerca do termo Epistemologias do Sul também contribuem para o diálogo sobre a educação no Brasil e na América Latina. Todavia, me arrisco a definir Epistemologia como um fenômeno que só é possível a partir das pessoas, pois somos nós que criamos, vivenciamos, re-criamos e tornamos vivo um determinado conhecimento situado e com significados. Por estar vivo, pode transmutar-se e, por isso, é possível dizer Epistemologias, pois não se trata de um único conhecimento.

Dentre os inúmeros trechos da obra Galeano (1986), há um que diz:

Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalçaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta. [...] Na caminhada, até perdemos o direito de chamarmo-nos *americanos* [...]. Agora, a América é, para o mundo, nada mais do que os Estados Unidos: Nós habitamos, no máximo, na sub-América, numa América de segunda classe, de nebulosa identificação (p.13-14).

Não só na América Latina, mas também na África, a partir deste movimento de colonização, introduziu-se apenas uma ideia e visão de mundo possível: a eurocêntrica. Daí que contextualiza a pretensão de elucidar o Sul do mundo, e mais, valorizar os conhecimentos aqui construídos. Nas palavras de Santos (1995, p.508) “Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul”.

Há ainda o que Santos (2010) denomina, a partir de um pensamento moderno, de abissal. Ao criarem o abismo entre as linhas radicais que dividem o mundo, apenas um lado da linha, no caso a ‘linha de lá’, ergueu-se e fez-se aparecer como império mundial e relegou

---

<sup>5</sup> “[...] para compreender a motricidade se deve compreender o ser humano e sua relação cotidiana com seu mundo” (SÉRGIO; TORO, 2005, p. 102 – tradução livre).

a ‘este lado da linha’ tamanha invisibilidade e inexistência, que por um longo período não passamos de objeto de conhecimento.

Portanto, não nos era possível possuir conhecimento, apenas crenças, místicas, intuição e opinião infundadas a partir do que determinaram como verdadeiro e falso ou ciência e não-ciência. Tudo isso para manterem a imagética de soberania, em detrimento da negação de outrem.

Diante da luta de pessoas “deste lado da linha”, foi possível iniciar um movimento de mudança, com pessoas que lutaram para o reconhecimento e afirmação das Epistemologias do Sul, pois para rompermos este abismo faz-se necessário continuarmos lutando para a ecologia de saberes.

A ecologia de saberes não se trata apenas de mais um conceito e sim de um movimento político, com o intuito de romper com a monocultura. Com isso, a ecologia de saberes:

[...] se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (SANTOS, 2010, p.53).

Isto posto, uma epistemologia geral (conhecimento único) não é possível, pois a diversidade de pessoas, culturas, visões de mundo é incomensurável e devemos coadunar as diversidades, vislumbrando a possibilidade de vivenciar, ouvir e dialogar sobre a pluralidade cultural das epistemologias.

Na área em que fiz a graduação, um dos conhecimentos que mais tem visibilidade é o esportivo-competitivo e treinamento de força, igualmente há também alguns dos esportes mais praticados no mundo (de origem europeia e estadunidense). Porém, há registros de que distintos povos e em diferentes contextos já jogavam a bola com os pés e isso é pouco sabido pelas pessoas, pois foi ocultado. A seguir trago dois exemplos de jogos semelhantes ao futebol vivenciados no oriente.

Em um jogo chamado *Kemari*, praticado no Japão por volta do ano 4.500 a.C., as pessoas utilizavam uma bola feita de fibras de bambu. O objetivo deste jogo era manter a bola no alto utilizando apenas os pés. Outro exemplo é um jogo chamado *T'su Chu*, jogado na China. É uma variação do *Kemari*: a bola era com o mesmo material do jogo japonês, porém o *T'su Chu* se desenvolvia em três modalidades. Na primeira, as pessoas deveriam fazer malabarismos com a bola nos pés; a segunda era uma disputa entre duas equipes que deveriam



passar a bola por cima de um fio de seda suspenso por duas estacas presas no chão; e a terceira tinha como objetivo arremessar a bola por algo parecido com o gol, que ficava nas extremidades do espaço de jogo (SCAGLIA, 2008).

Portanto, busco mostrar que são possíveis diferentes jogos que utilizam a bola nos pés, visando propor outra análise do real; que outro futebol é possível, de ser mais divertido, mais respeitoso, podendo criar novos saberes, pois, no contexto da ecologia de saberes: “[...] deve dar-se preferência às formas de conhecimento que garantam a maior participação dos grupos sociais envolvidos na concepção, na execução, no controle, e na fruição da intervenção” (SANTOS, 2010, p.60). Não seria uma ecologia de saberes se eu fizesse sozinho, apenas com minhas convicções. Daí que, fazer junto com as pessoas que participaram desta pesquisa oportuniza-nos desvelar saberes ainda velados.

A prática social que venho me debruçando, a desvelar os processos educativos que dela decorrem, é a mediação no *Fútbol Callejero*.

Esse jogo foi pensado em um bairro empobrecido da cidade de Buenos Aires, Argentina, ou seja, pensado no Sul, e se trata de uma epistemologia que visa ascensão e recuperação de valores como respeito, cooperação e solidariedade, a partir de situações que ocorrem no momento do jogo. Todavia, ao refletirmos e movimentarmos nossa palavra a cada partida, é possível relacionar com os acontecimentos e situações que vivemos na cotidianidade. Assim, considero o *Fútbol Callejero* uma alternativa epistemológica, na qual os(as) envolvidos(as) buscam a transcendência a partir da motricidade com a intenção de ser mais. Porém, não é simples, pois a cultura que impera é a da competição exacerbada e construir uma consciência diferente da que está aí, como correta e única possível. Exige esperança em crer que é possível construir outra realidade e não deixar que a anestesia histórica e o cansaço existencial (FREIRE, 2015) nos desmotivem a seguir o caminho de sermos mais.

Por fim e a partir do ante exposto, faz-se necessário respeitar toda forma de conhecimento e manifestação cultural, superando as imposições coloniais de saber. Por um longo período (e por serem de etnias diferentes), os europeus instituíram uma forma de poder que parte do capitalismo para subalternizar e classificar étnica e racialmente as pessoas originárias das terras de *Abya Yala*<sup>6</sup>. Este movimento foi chamado de colonialidade do poder e:

---

<sup>6</sup> Era o nome dado ao continente Americano antes da chegada de Américo Vespúcio.

[...] refere-se aos processos de longo prazo nos quais os indivíduos disputam o controle dos meios básicos de existência social e de cujos resultados se configura um padrão de distribuição do poder centrado em relações de exploração/dominação/conflito entre a população de uma sociedade e numa história determinada (QUIJANO, 2010, p. 113).

Foi a partir da colonialidade do poder que ocorreu toda forma de opressão, escravização, interdição do corpo, proibição de qualquer manifestação cultural e conhecimento dos povos originários e dos que foram trazidos para serem escravos(as).

As consequências desse desastroso ato de colonizar perduram até o século XXI: pessoas que se sentem donas das outras, negros(as) e indígenas ainda sofrem com o legado negativo das imposições de poder.

Nesta relação de poder, até os termos têm uma intenção “Como corresponde, a ciência que estudará os Europeus chamar-se-á “sociologia”, a que estudará os Não-Europeus chamar-se-á “etnografia” (QUIJANO, 2010, p.112), pois “deste lado da linha” há raças, enquanto do “outro lado da linha” há Americanos<sup>7</sup> e Europeus. Para tanto, como tentativa de superação de tal distanciamento, o desenvolvimento desta pesquisa foi em colaboração junto às(aos) participantes desde a inserção em campo, perfazendo o percurso metodológico e alimentado pelas reflexões que se seguem. Esses percursos de uma pesquisa acadêmica devem, desde a sua gestação, considerar as pessoas que contribuirão para a obtenção de material de análise. Nesse ínterim, visando romper com a colonialidade do poder e do saber, há de se respeitar e reconhecer os(as) que cederam entrevistas; sem essas pessoas, não há pesquisa, por isso, já venho me aproximando do grupo, a fim de que aqueles e aquelas que foram entrevistados(as) pudessem confiar em mim, e eu neles e nelas, e saibam que não serão meros objetos da investigação, mas sim parte dela, pois a faremos juntos(as).

Por esse motivo, pesquisar processos educativos em práticas sociais requer de nós, pesquisadores e pesquisadoras, o entendimento das experiências vividas por aquelas pessoas que estão imersas em determinada prática social, e para isso, precisamos estar-junto-com essas pessoas e nos humanizarmos, tendo em vista uma vida mais justa.

Há um modo diferente sobre encaminhamentos e posicionamentos de pesquisar processos educativos em práticas sociais em nosso contexto latino americano, que há muito vem sofrendo com as imposições epistêmicas e culturais advindas da Europa e Estados Unidos da América. Particularmente, acredito que o Brasil, em nome de quem detém o poder, tenta copiar a cultura estadunidense, pois no passado estas terras inóspitas carregavam o nome

---

<sup>7</sup> Uso intencional, a fim de chamar a atenção que, as pessoas que vivem desde o México até Ushuaia também são Americanas e Americanos. Porém são classificadas a partir de sua raça/etnia.

de “Estados Unidos do Brasil”, logo, as produções de conhecimento e cultural ainda são inspiradas nos Estados Unidos da América.

É na busca por desvelar os saberes que diferentes povos brasileiros e latinos americanos possuem é que Oliveira et al. (2014) apresentam aos(às) leitores(as): “A sobrevivência de nossas culturas, modos de ser e viver evidencia nossa humanidade, contrariamente ao que apregoaram e apregoam os colonizadores que nos ‘inventaram’ sem alma, valores, inteligência” (p. 32).

Empreender uma pesquisa a partir deste referencial teórico significa denunciar as mazelas que pessoas marginalizadas passam, bem como juntos encontrarmos encaminhamentos de superação desta situação em busca da libertação e humanização:

Nesse sentido as pessoas não devem ser percebidas como objetos de estudo, mas sim como participantes da pesquisa que co-laboram com a investigação realizada. Nesses trabalhos, o compromisso ético e social é ponto de partida e chegada. O retorno à comunidade dos ganhos ou resultados desses trabalhos não se dá exclusivamente no terreno do compartilhamento de informações, mas também na efetiva contribuição social (OLIVEIRA et al., 2014, p. 122-123).

Assim desenvolveu-se uma pesquisa que foi feita a mãos, pois, durante o processo, haverá coadunações entre as intersubjetividades mediadas pelo diálogo, que serão posteriormente descritas no papel. O desvelar dos processos que emergiram dos encontros com a comunidade em formas de dados que poderão lançar luz ao que estava oculto e aí, naquele espaço-tempo, se justificará a contribuição social ao que se tinha proposto no início da investigação, mesmo que os resultados sejam diferentes do que outrora se esperava, porém será um contributo para todos e todas participantes da pesquisa.

Continuarei refletindo sobre minhas inserções com o grupo de mediadores(as) de *Fútbol Callejero*, o qual estou participando dos encontros, como já mencionado, e buscando estabelecer relações de respeito, amizade e confiança. Inspira-me ainda mais a me lançar aos desafios que ainda estão velados e viabilizar o desvelamento junto com os(as) mediadores(as).

Por fim, as experiências vividas ao longo deste processo contribuirão para que se solidificasse minha práxis a partir do(a) outro(a) e confirmar a ação política envolvida na prática social da mediação no *Fútbol Callejero*, pois a compreensão crítica da realidade envolta a este processo é que, pouco a pouco, em cada encontro, foram alinhavadas convivências geradoras de processos educativos a serem desvelados ao longo da investigação

e ao final o retorno à coisa mesma (GARNICA, 1997), e diálogo com os(as) participantes sobre as emersões da pesquisa e possíveis ações futuras.

### **A Prática Social da Mediação no *Fútbol Callejero***

No *Fútbol Callejero*, o terceiro tempo é o que melhor explicita a vivência da prática dialógica. Com o final do segundo tempo, todos e todas envolvidos(as) dialogam e refletem conjuntamente sobre os acordos coletivos feitos no primeiro tempo, se foram ou não efetivados no transcurso do segundo tempo, desafios percebidos, situações vivenciadas e pontuação que será atribuída e o porquê.

O terceiro tempo desta prática é visto como um espaço de aprendizagem sócio-construtivo que: “[...] otorga seguridad, confianza, autorregulación, resolución, propicia el diálogo y los vínculos y promueve la participación<sup>8</sup>” (MOVIMIENTO, 2019, s/p).

Além deste jogo se desenvolver em três tempos, meninos e meninas jogarem juntos, e ter atenção aos três pilares: respeito, cooperação e solidariedade, entendemos que a figura do(a) mediador(a) é essencial para o desenvolvimento do processo.

Neste sentido:

La mediación entendida entonces como un espacio, se extiende a los 3 tiempos de la metodología del Fútbol Callejero, y no simplemente al 3er. tiempo. Como es la base y el sostén, necesita estar presente en todo momento. Si la mediación se parcializa o no está presente en algunos de los momentos, puede perder su carácter social y transformador (MOVIMIENTO, 2019, s/p)<sup>9</sup>.

Entre 2017 e 2019 publicamos três artigos em diferentes periódicos tendo como foco a mediação no *Fútbol Callejero*, a fim de contribuir com o diálogo sobre esta prática social. Apresentaremos alguns desdobramentos destes estudos.

Em uma investigação realizada com crianças e jovens participantes de um projeto de extensão na cidade São Carlos, interior do Estado de São Paulo, foi possível perceber que: “[...] na mediação do terceiro tempo cada um pode se expressar e apresentar suas próprias versões das ocorrências, de modo coletivo, buscando o consenso e favorecendo

<sup>8</sup> “[...] outorga segurança, confiança, auto regulação, resolução, propicia o diálogo e os vínculos e promove a participação” (MOVIMIENTO, 2019, s/p - tradução livre).

<sup>9</sup> “A mediação entendida então como um espaço, se estende aos 3 tempos da metodologia do *Fútbol Callejero*, e não simplesmente ao terceiro tempo. Como é a base e o suporte, necessita estar presente em todo momento. Se a mediação é fragmentada ou não se faz presente em algum momento, pode perder seu caráter social e transformador” (MOVIMIENTO, 2019, s/p – tradução livre).

amadurecimento de todos(as) para o exercício crítico da cidadania” (VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2017, p. 99).

Em outra investigação - agora com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública-, também na cidade de São Carlos, identificamos que o espaço da mediação proporciona reflexões sobre o papel do gol e o papel das pessoas em um jogo com a bola nos pés. Sobre isso, segue trecho da fala do estudante Yuri<sup>10</sup> no momento em que se discutia o pilar respeito: “A outra equipe merece porque percebi que as pessoas tentaram de toda maneira jogar igual, mas a minha equipe não porque só visou o gol” (VAROTTO et al., 2018, p. 114).

Ainda neste estudo, a estudante Jéssica se posiciona quanto à solidariedade: “Eu acho que nenhuma equipe merece ponto porque uma hora o Cristiano Ronaldo caiu ninguém parou para ajudar, em outro momento Roben parou para amarrar o tênis e ninguém esperou, por isso digo que nenhuma equipe pontua” (VAROTTO et al., 2018, p. 114).

Na terceira pesquisa por nós realizada, observamos que para a mediação acontecer, faz-se necessário um(a) mediador(a) e este(a) precisa estar atento(a) às situações para não interferir no processo de autonomia, reflexão e diálogo com imposição de suas experiências anteriores, portanto “o termo mediador(a) não é por acaso, pois essa pessoa irá mediar os diferentes momentos, tendo em vista que não há uma forma e/ou uma receita precisas, pois há corpos que criam situações, muitas vezes tensas” (VAROTTO, SOUZA JÚNIOR, 2019, p. 54).

O papel do(a) mediador(a) é de questionar; sua atuação se dará por meio das perguntas aos(às) participantes, intencionando autonomia, reflexão e diálogo, tendo como referência o diálogo que ao mesmo tempo que se dá, gera mais e mais relações dialógicas, auto alimentando-se.

A partir dos três estudos que tiveram a mediação como foco central, podemos perceber nas falas transcritas dos(as) participantes que estes(as) refletiram e dialogaram observando o todo e não apenas sua equipe, levando em consideração aquilo que incorporaram como respeito, cooperação e solidariedade.

Neste sentido, a mediação no *Fútbol Callejero* se constitui como um espaço dialógico e analítico<sup>11</sup> no qual os(as) participantes expõem diferentes pontos de vistas a fim

---

<sup>10</sup> Nos três estudos por nós realizados, os nomes dos(as) participantes colaboradores(as) são fictícios, escolhidos por eles(as).

<sup>11</sup> “O método ana-lético surge desde o outro e avança dialeticamente; há uma descontinuidade que surge da liberdade do Outro. Este método tem em conta a palavra do Outro como outro, implementa de maneira dialética todas as mediações necessárias para responder a essa palavra, e se compromete pela fé na palavra histórica e dá

de chegar em consenso sobre determinado assunto. Tal ocorre inicialmente pela discussão dos pilares que é o ponto de partida para outros assuntos, suscitados por experiências que fazem emergir diálogos que transcendem o jogo. Por isso também, conforme Rossini et al. (2012), o *Fútbol Callejero* em sua raiz busca o protagonismo juvenil.

Ressaltando, conforme Freire (2013), que entendemos que diálogo: “[...] não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para conquista de outro” (FREIRE, 2013, p. 110).

A prática do *Fútbol Callejero* envolve, conforme previsto em sua proposição, participação de mulheres/meninas e homens/meninos nas equipes, os(as) quais são compreendidos como seres políticos que estão se relacionando entre si e com o mundo e, assim como nos diz Freire (1983), é imprescindível partirmos da compreensão de homens e mulheres, seres de relações e não só de contatos; não apenas estão no mundo, mas com o mundo. “Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (p. 39).

E nessa relação de *estar-com-o-mundo*, a realidade buscada deve ser a de luta pela humanização de todos(as) os(as) envolvidos(as), como diz Freire (2013, p. 105): “O mundo, agora, já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização”.

## 2º TEMPO

### Procedimentos Metodológicos

O estudo foi realizado a partir de pesquisa de corte qualitativo, a qual não se atém em generalizações ou em neutralidade na pesquisa (MOLINA NETO; TRIVIÑOS, 1999).

O caminho percorrido por este estudo, tanto na coleta como na análise dos dados, teve inspiração fenomenológica, mais especificamente no que tange à análise do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 1989), neste caso a prática social da mediação no *Fútbol Callejero*, situada em pessoas que passaram por processo de formação a fim de serem mediadores(as) e hoje atuam em seus territórios mediando partidas de *Fútbol Callejero*.

---

todos esses passos esperando pelo dia distante em que ele possa viver com o Outro e pensar a sua palavra, esse é o método ana-lético. Método de libertação, pedagógica analética de libertação” (DUSSEL, 1995, p. 236).

A fenomenologia busca a descrição de fenômenos, tendo a sua preocupação voltada para desvelar, e não o demonstrar. Sendo assim, a descrição prevê ou supõe um rigor, e através deste podemos chegar à essência do fenômeno (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990).

Segundo Machado (1994):

A preocupação central desta trajetória de pesquisa se dá com o ato de compreender, mais do que explicar o objeto de estudo. A fenomenologia significando discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo, enquanto uma práxis ou forma de ação, opera através do método que investiga a experiência, no sentido de compreendê-la e não de explicá-la. Compreender diz respeito a uma forma de cognição que diverge da explicação. Compreender é tomar o objeto a ser investigado na sua intenção total, é ver o modo peculiar específico do objeto existir. Explicá-lo é tomá-lo na sua relação causal (p. 35).

Nessa forma de investigação, o termo *pesquisa* ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se pretende compreender, não se preocupando com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o pesquisador (GARNICA, 1997).

Merleau-Ponty (2011) entende a fenomenologia como o estudo das essências, que, filosoficamente, volta-se à compreensão, sem pressupostos, do que se afirma ser “natural”, respeitando e considerando as experiências vividas pelos sujeitos face às coisas e/ou fenômenos, na procura do contato ingênuo ou originário com o outro e com mundo mediado em intersubjetividades. Em acordo, Garnica (1997) compreende que: “[...] o ser é, existencial e primordialmente, afetividade, comunicação e compreensão. Lançado ao mundo, o homem percebe-se e torna-se humano no contato com outros humanos, afetado pelo que desse convívio descortina” (p. 114).

Para a coleta de dados, utilizou-se entrevistas com seis mediadores(as). Vale ressaltar que a participação deles(as) se deu pela experiência com a prática social da mediação no *Fútbol Callejero*: cinco participam desde 2013 e um iniciou em meados de 2018, porém havia um contato prévio à prática e já mediava as partidas em seu bairro. As entrevistas foram realizadas em março de 2019. A seguir, será apresentado um quadro com os nomes fictícios dos(as) mediadores(as) escolhidos por eles(as), bem como algumas informações deste(as), com o intuito de situar o(a) leitor(a).

**Quadro 2:** Apresentação Geral dos/as Colaboradores/as

Colaborador/a (Nome Fictício)	Sexo	Ano de Nascim ento	Raça/Cor (Autodecla rarão)	Formação	Local de Atuação	Tempo de Atuação
Guissocerart	M	1996	Preta	Educação Física e atualmente cursando Pós-Graduação em Gestão do Esporte	Grajaú	6 meses
Ricardo	M	1996	Negro	Ensino Médio Incompleto	Capão Redondo	3 anos
Vinne Fragoso	M	1997	Preta	Cursando Educação Física	Sapopemba	5 anos
Mocoreta	M	1997	Negro	Ensino Fundamental Completo	Sapopemba	4 anos
Valentina	F	1997	Negra	Ensino Médio Completo	São Bernardo do Campo	5 anos
Luciana	F	1997	Preta	Ensino Médio Completo	Guaianases	4 anos

**Fonte:** Elaborado pelo autor

A entrevista possibilita a transcrição literal dos discursos pronunciados, o que permite a descrição não interpretada das experiências vividas pelas pessoas: “Ao entrevistar-se uma pessoa, o objetivo é conseguir-se descrições tão detalhadas quanto possível das preocupações do entrevistado” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 54).

Este recurso possibilita a obtenção de áudio que *a posteriori* fora transcrito na íntegra e compõe os dados desta pesquisa. Para que se chegasse à entrevista foi necessária inserção com o grupo, no qual participo desde 2014, e com este tempo de envolvimento com as pessoas que colaboraram com esta investigação se estabeleceu a empatia, que:

[...] é uma essência que não se dá primordialmente ao percebedor. Empatia é uma penetração mútua de percepções, é um ato intencional. O outro sujeito (o entrevistado) e sua vida psíquica são apreendidos como estando aí, em pessoa, que é corpo. Não se trata, porém, do corpo físico. Sujeito e sua vida psíquica não são dados ao pesquisador como ato primordial (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 53).



Para a entrevista foram utilizadas quatro questões orientadoras, apresentadas a seguir: 1 - Como se deu sua aproximação com o *Fútbol Callejero*?; 2 - Qual ou quais motivos fizeram com que você participasse do processo de formação de mediadores(as)?; 3 - O que significa, para você, ser mediador(a) de *Fútbol Callejero*?; 4- Quer acrescentar algo mais sobre o assunto?

Ao analisar os dados, visando compreender significativamente o fenômeno situado decorrentes das entrevistas, foram traçados dois caminhos: análise ideográfica e nomotética. A análise ideográfica consiste em destacar unidades de significado após inúmeras leituras dos dados para que possamos compreender as experiências das pessoas que colaboraram com este estudo. As unidades de significado advêm de um processo de intersubjetividade entre o pesquisador e o fenômeno que passará ao desvelamento das ideias contidas nos discursos, destacando-as para significá-las, pois: “Dá-se então a passagem do objeto para o significado” (MACHADO, 1994, p. 41). Por conseguinte: “Faz-se, então, através de uma redução, uma síntese das proposições consistentes apresentadas nas expressões reveladoras do pensar do sujeito, constituindo agrupamento por temas, entendidos como categorias abertas” (MACHADO, 1994, p. 41).

Seguindo o caminho até a essência do fenômeno que ainda está em fase individual, passa-se à análise nomotética, que vai do individual para o geral, articulando as compreensões abertas pela análise ideográfica por meio de convergências e divergências das unidades de significado. A partir deste momento as apreensões fazem menção às essências estruturais do fenômeno desde a esfera investigada, portanto, proveniente da temática de campo. Desse modo, na estrutura geral do fenômeno: “ Os significados provenientes de uma descrição não estão estritamente limitados à experiência do indivíduo do qual eles emergiram, não pertence à uma única realidade, mas a de vários outros, sem que isto implique pertencer a todos os sujeitos” (MACHADO, 1994, p. 42).

O processo final dessa construção se dá com a emersão de categorias temáticas que: “[...] formam uma síntese dos julgamentos consistentes dados nas descrições ingênuas dos sujeitos” (GARNICA, 1997, p. 117).

Após agrupamento das categorias temáticas, foi organizada uma matriz nomotética, pautada na análise do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 1989; GONÇALVES JUNIOR, 2008; LEMOS, 2013), objetivando movimento intencional em busca da essência do fenômeno pesquisado, possibilitando a construção dos resultados.

Buscando contemplar os preceitos éticos de pesquisa em seres humanos, primeiramente procedemos à aprovação desta pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa

em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP-UFSCar)<sup>12</sup>. Em seguida, foram colhidas as assinaturas dos(as) participantes em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após cumprir com esses dois procedimentos apresentados, iniciamos as entrevistas com os(as) mediadores(as) de *Fútbol Callejero*.

### 3º TEMPO

#### Construção dos Resultados

Para a construção dos resultados foi fundamental a organização de uma Matriz Nomotética (Quadro 3), a qual permitiu melhor visualização das convergências encontradas no processo de busca da essência do fenômeno da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*, resultando na construção de duas categorias, a saber: a) “Construção do conhecimento e vivências de novas práticas”; b) “Protagonismo comunitário no tornar-se mediador(a) de *Fútbol Callejero*”. Vale destacar que para o processo de construção das categorias, realizamos a transcrição, na íntegra, das entrevistas. Foram feitas diversas leituras a fim de destacar unidades de significado, que pode ser uma palavra, uma frase ou um parágrafo, neste caso, das transcrições das entrevistas, o processo tem início ao se destacar aquilo que está em acordo com o objetivo do estudo.

Ao ler e reler as entrevistas com as unidades de significado destacadas, iniciamos o processo de categorização, que consiste na emersão de excertos presentes nos discursos. Por exemplo, a primeira categoria reúne discursos de como esses(as) mediadores(as) tiveram contato com o *Fútbol Callejero*, as unidades de significado trazidas para diálogo versam neste sentido, assim, ao seguirmos estes procedimentos, nos foi possível perceber convergências nos discursos e então agruparmos em categorias temáticas.

Observamos que a matriz nomotética composta de uma coluna à esquerda na qual expomos as categorias provenientes dos registros das entrevistas, enquanto na linha superior, os nomes fictícios em uma sequência horizontal e em algarismos arábicos, as unidades de significado encontradas.

Nessa construção dos resultados, como sistema de notação, quando ocorrer transcrição de trecho referente a, por exemplo, Nome do(a) Entrevistado(a), Unidade de

---

<sup>12</sup> Parecer Consubstanciado número 2.965.967 (anexo).

Significado 03, apresentaremos a identificação: (Luciana, US 03), facilitando aos leitores(as) a localização da asserção utilizada na construção dos resultados nas referidas entrevistas, disponíveis para consulta no Apêndice 1.

**Quadro 3: Matriz Nomotética**

<b>Entrevistados/as</b>						
<b>Categorias</b>	<b>Guisoccerart</b>	<b>Ricardo</b>	<b>Vinne Fragoso</b>	<b>Mocoreta</b>	<b>Valentina</b>	<b>Luciana</b>
<b>A) Construção do conhecimento e vivência de novas práticas</b>	01, 02, 03, 04	01, 02, 03	01, 02, 03, 04, 11	01, 02	01, 02	01
<b>B) Protagonismo comunitário no tornar-se mediador/a de Fútbol Callejero</b>	05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15	04, 05, 06, 07	05, 06, 07, 08, 09, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29	03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12	03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10	02, 03, 04, 05, 06, 07

**Categoria A – Construção do conhecimento e vivências de novas práticas**

O processo educativo de construção do conhecimento acerca do *Fútbol Callejero* é central nesta categoria, visto que era uma prática nova e aos poucos os(as) participantes da pesquisa foram conhecendo e gostando. Assim, esta categoria traz elementos sobre como e quando os(as) mediadores(as) tiveram contato com o *Fútbol Callejero* - alguns em 2014, ano em que aconteceu o “Mundial de Futebol de Rua”, em São Paulo. Período que trouxe visibilidade ao, até então, pouco conhecido jogo, e mais pessoas se interessaram em conhecer essa prática:

[...] minha aproximação com o *Fútbol Callejero* se deu [...] mais ou menos de 2014, no mundial, né? Do *Fútbol Callejero*, onde começou algumas matérias rolar, né? Nas redes sociais é... Até através do Criolo também que eu acompanhava através do rap e consegui, né? Saber mais sobre essa metodologia, né? Um futebol mais educativo, mais cultural e a partir dali comecei a tentar, como poderia [...] Estar me aproximando do futebol [...] Da coordenação, dos mediadores, da instituição que organiza para poder estar participando mais (Guisoccerart, US 01).

Eu conheci o *Fútbol Callejero* [...] Através de dois amigos meus lá da comunidade do Capão que participaram do mundial, né? Que aconteceu aqui no Brasil, mas antes disso eu tinha participado já da apresentação lá no SESC Pinheiros que teve e aí eu não acabei participando do mundial de futebol de rua porque eu estava apertado de grana e apareceu uma oportunidade pra eu trabalhar. Era até ali na Vila Madalena e quando eu descia [...] Eu via até os moleques lá em baixo, lá no largo da batata, ali, que eu pegava o busão (Ricardo, US 01).

Minha aproximação com o futebol foi através do projeto meninos e meninas de rua, onde eu participava com a atividade de percussão, acho que eu tinha 16 anos [...] e aí eles chegaram e conversaram com a Coordenadora do projeto, e aí ela me indicou e ela falou que eu já era uma jovem liderança (Valentina, US 01).

Tanto na introdução desta dissertação, quanto na revisão de literatura, trouxemos estudos que descreveram as origens do *Fútbol Callejero*, respectivamente com Rossini et al. (2012) e Belmonte, Gonçalves Junior (2018) e, no ano de 2015, alguns e algumas dos(as) entrevistados(as) tiveram a oportunidade de participar da Copa América de *Fútbol Callejero*, que teve como sede o país onde tudo começou, a Argentina: “[...] acabei participando da Copa América, né? Em 2015, se consagramos campeão, acabei voltando [...] Como mediador [...] e tamo aí agora como mediador firme e forte” (Ricardo, US 03).

Houve também, quem teve o primeiro contato com o *Fútbol Callejero* na Copa América, como é o caso da mediadora Luciana:

Então, minha aproximação de se deu no ano de 2015, quando aconteceu a Copa América porque o pessoal ia viajar, né? A rede paulista e acabou que uma menina não poderia ir por conta de idade e aí eu fui convidada a tá indo participar e acabei conhecendo a metodologia através desse momento (Luciana, US 01).

Ao se lançar ao processo de vivência desta prática social, a sensação que se tem é que: “[...] o bagulho é da hora mesmo [...] Só que a resenha lá é um pouquinho mais pegada [...] ou vai ou racha” (Ricardo, US 02).

Porém, para que seja “da hora mesmo”, há de se superar a cultura do futebol esportivo-competitivo entendendo o contexto e a realidade de quem participa, pois exige um processo, muitas vezes lento de implementação do Fútbol Callejero. Dialogando com o que fora apresentado na revisão de literatura fundamental entender a existência de futebóis (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018), para darmos continuidade superação da por nós criticada esportivização, conforme alertado por Rodrigues e Gonçalves Junior (2009).

No trecho a seguir, o mediador Vinne Fragoso nos conta como foi a implementação do *Fútbol Callejero* no polo em que atua:

[...] era futebol convencional até que aos poucos foi aplicando a metodologia do futebol de rua e tipo era uns meninos ali que não tinha como [...] que era uns meninos briguento tal, tudo, era xingamento pá, aí a gente foi aos poucos aplicando a metodologia, o Educador veio trazendo pra gente tudo, foi aplicando, tipo começa só com a gente montando as regras, aí daqui a pouco aí gente ia lá sentava e falava: “Não, pô mais e aí, vocês respeitaram essas regras aí?” Nem tinha todo o conceito, mas aí foi aplicando aos poucos [...] (Vinne Fragoso, US 02).

Se lançar para o *Fútbol Callejero* não diz respeito apenas ao rolar da bola, mas ao ampliar o entendimento para além do jogo, destacando a atuação articulada dos três tempos:

[...] não era só você fazer gol, que ali você tinha que ter uns aspectos diferentes, era bem mais amplo tal e nisso eu fui gostando bastante, não só de jogar, mas também do terceiro tempo, fui participando bastante, ia direto, era treino toda quarta, ia direto, jogava bola e participava tal, até que um dia eu falei pro Educador que eu queria ter uma participação ali no terceiro tempo, se eu podia tá acompanhando mediação ali com ele (Vinne Fragoso, US 01).

Até o ponto em que o(a) jovem percebe seu potencial para o papel de mediador(a) e demonstra seu interesse em participar das mediações: “[...] aí nisso fui conhecendo a metodologia e fui gostando da metodologia e até o momento que eu me apaixonei pelo terceiro tempo” (Vinne Fragoso, US 03).

O processo educativo de construção do conhecimento acerca do *Fútbol Callejero* foi destaque nesta categoria, visto que era uma prática desconhecida. Todavia, na vivência desta prática, construíram também o processo educativo de resistência à colonização do poder (QUIJANO, 2010), destacadamente ao futebol esportivizado (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018; RODRIGUES; GONÇALVES JUNIOR, 2009), percebendo novas maneiras de intersubjetividade (FIORI, 1986) e fruição da ecologia de saberes (SANTOS, 2010).

## **CATEGORIA B - Protagonismo comunitário no tornar-se mediador(a) de *Fútbol Callejero***

Nesta categoria, iremos dialogar sobre o processo educativo protagonismo no contexto comunitário decorrente dos(as) jovens colaboradores(as) tornarem-se mediadores(as) de *Fútbol Callejero* e, nesta vivência, se tornaram também referência/liderança em suas comunidades. A seguir, asserções dos(as) colaboradores(as) do estudo que convergem na formação desta categoria.

Guisoccerat, por exemplo, declara:

Creio que é essencial ser um mediador da própria região sabe, do próprio local porque gera referência, né? Referência da própria quebrada, então todo mundo olha como um espelho mesmo, exemplo não sei se somos, né? (US 11).

Ricardo pondera que:

[...] muitas pessoas lá na minha comunidade me vê como um espelho, tá ligado, tipo, tá tendo um problema em casa as mães vai lá e fala: “Oh... O meu filho ba-ba-ba, não tá fazendo isso e aquilo, só escuta você”, só vê isso, mas muitas vezes já, mãe já chegou em mim trazendo problema de casa, que o filho não estava conseguindo fazer isso, que era pra eu falar com ele porque senão ia ficar sem o futebol, a mãe não ia liberar pro futebol (US 05).

Há também participação dos estudantes e do mediador, como nos diz Vinne Fragoso:

Eu acho que é uma coisa muito importante porque eu vejo tipo... Que pra mim, eu estudava na escola [...] lá em Sapopemba e quando eu entrei pra mediação ali e virei como se fosse tipo... Um ponto dali, tipo... Tinha os meninos da escola, porque eu comecei a aplicar a oficina dentro da escola e os meninos... O que acontecia na escola com eles tipo... Deixou de tá: “Ah eu vou chamar mãe, vou tirar a mãe do menino do trabalho pra ela vir aqui conversar. Vamos chamar ali o Vinne, o Vinne vem como ele da oficina pra eles, o Vinne vai e troca ideia” (US 14).

Os dizeres de Mocreata coadunam com os de Guisoccerart, Ricardo e Vinne Fragoso, no que diz respeito a ser uma jovem liderança dentro de sua comunidade e algumas barreiras que ultrapassou para isso:

Tipo... Mas meu histórico assim tipo... Antigamente já eu já cheguei mesmo a usar droga, fazer mesmo esse monte de coisa tal, então através do futebol, o Educador me trouxe, consegui mostrar pra outras pessoas tipo ó eu consegui tirar o Mocoreta disso, através desse futebol, então você também consegue e através disso eu consegui trazer os meninos (Mocoreta, US 09).

Então, no meu ponto de vista, querendo ou não eu sou uma liderança né e assim com o Educador foi uma liderança pra mim, assim como eu me espelhei nele, muitos jovens que hoje eu trabalho se espelham em mim, então tipo... Eu tento passar muito pra eles tipo o contexto de vida mesmo que o futebol trouxe pra minha vida entendeu, até em muitos depoimentos minha mãe fala que eu respondia a ela e hoje eu escuto (Mocoreta, US 06).

Os trechos destacados anteriormente fazem menção ao que Rossini et al. (2012) descrevem sobre um dos princípios do Fútbol Callejero: o protagonismo juvenil, que se trata também de um processo educativo decorrente da prática social da mediação no Fútbol Callejero. Entendemos também que perpassa pelo protagonismo comunitário, pois os(as) mediadores(as) agem em comunhão com outrem, favorecendo processos de humanização e libertação, conforme compreendidos por Freire (2013).

O mediador Vinne Fragaso, nos conta sobre a experiência de se tornar mediador de Fútbol Callejero, como poderemos observar, não há uma seleção, tem que partir da própria pessoa o desejo para a mediação:

Fui gostando mais dessa parte, mais da parte onde eu converso, onde eu sento e troco ideia, mas joguei bastante, muito tempo e fui me aproximando do futebol. Aí eu falei que queria estar participando [...], pedi pra estar acompanhando mediação e foi vindo aos poucos, tipo, foi pelo meu interesse de estar querendo acompanhar as mediações (Vinne Fragoso, US 07).

E segue nos contando o início da jornada e algumas reflexões iniciais:

[...] fui vindo aos poucos, aí eu pedi pra estar participando [...], aí fui me implantando um pouco mais no [...] Sapopemba, pra também tá aplicando oficina lá junto com o Mocoreta, mas aí tipo... Veio bem aos poucos mesmo, eu fui participando, participando e me apaixonando pela metodologia, gostando mais do terceiro tempo, por tipo, gostar mais de trocar ideia, entendeu, de querer fazer uma diferença tipo, com os meninos, mostrar uma visão diferente, falar que tem outra forma de resolver as coisas, ao invés de ir lá e dar um rodo e dar um soco na cara, de estar tipo... Mostrando que na conversar a gente resolve muito mais coisa tipo... Pensando com uma forma mais ampla a gente consegue resolver muito mais coisa do que tipo... Deixar pra resolver ali e dar uma porrada, dar um chute. Aí foi nessa visão mesmo que fui tipo, gostando mais e querendo ir trocar ideia com eles (Vinne Fragoso, US 10).

O mediador Mocoleta relata algumas transformações pessoais depois que passou a ser mediador, pois foi uma oportunidade de refletir em sua própria vida e, antes de assumir um discurso bonito, olhar para si e ponderar o que lhe serve para iniciar a própria mudança:

Que tipo eu era daqueles meninos que não respeitava os pais, eu fazia o que eu queria tal e, ao passar por esse processo eu tive uma questão de amadurecimento, então eu entendi, eu era preconceituoso. Algu[m] [homossexual] chegava perto de mim eu queria brigar, se algum homossexual olhasse pra mim eu ficava revoltado, então eu descobri que aquilo dali estava me ajudando virar um ser humano na verdade, entendeu? Porque eu era um ogro, então através dessas formações eu vi que cada vez eu tava melhorando, não só como pessoa, mas as pessoas conseguiam conviver comigo naquele ambiente (Mocoleta, US 03).

A mediadora Luciana também relata sobre a transformação advinda da vivência do processo da mediação:

Então, quando eu voltei da Copa América em 2015 [...], aí eu já voltei com essa vontade de ser mediadora porque eu jogava futebol de alto rendimento e aí eu queria ter essa prática, também, da mediação porque eu vi que era algo totalmente diferente, algo que realmente me encantou pela transformação que causou exatamente em mim assim, não foi nenhuma transformação que eu vi em outras pessoas, foi algo que eu vi acontecer comigo e isso me ajudou bastante pra ter essa vontade de querer participar desse processo de formação e virar uma mediadora pra poder, também, disseminar essa metodologia (Luciana, US 02).

A mediadora Valentina nos conta o motivo pelo qual decidiu participar das vivências como mediadora, pois, diferente de outros(as) mediadores(as), ela não gosta do futebol convencional. Entretanto, o *Fútbol Callejero* é diferente e oportuniza que as pessoas tenham uma relação diferente com o futebol:

Eu gosto de aprender muitas coisas, quanto mais eu aprendo... Eu gosto, gosto de aprender e eu não gosto de jogar futebol, sempre deixei claro, no começo eu resistia, eu falava: “Eu não sei jogar futebol e não quero participar disso”, aí falaram: “Não, funciona assim, você pode ser mediadora, você fala bem, você articula bem, você pega os assuntos bem”, aí eu fui vendo como era a função do mediador e aí eu fui gostando, e aí depois eu tive, além da experiência do mundial que eu participei jogando, não mediando, mas eu tive a experiência também na Argentina e depois que eu voltei, eu fiquei mais interessada ainda [...], pra poder ser uma mediadora legal e saber o que está fazendo né, porque a gente aborda vários temas e acontecem várias coisas (Valentina, US 03).



A mediação tem como centralidade o diálogo, princípio também da pedagogia dialógica proposta por Freire (1983; 2013; 2015), o qual oportuniza troca de experiências, exposição de diferentes pontos de vista e aprofundamentos, gerando distintos sentimentos e também oportunidade para *ser-mais*. No caso da mediadora Valentina, é a segurança em tratar desses temas dialogados com as crianças e adolescentes de seu polo; nesse sentido a vivência e experiência em mediar os encontros com o Fútbol Callejero:

[...] vamos dizer que a gente fica um pouquinho a mais capacitado né? E em meu caso assim, um pouco mais segura do que estou fazendo, do que eu estou falando pra aqueles adolescentes, quando vem me questionar alguma coisa eu vou tentar ajudar, então [...] é fundamental (Valentina, US 07).

Um dos temas frequentes das mediações é gênero. A seguir, destacamos três asserções neste sentido que contribuem para o desenvolvimento dos encontros de *Fútbol Callejero*, bem como para o respeito a outrem em outros tempos-espacos sociais, pois como vimos em Araújo-Olivera (2014, p. 67), ao que o sujeito se narra e se constrói nessa narração, também “[...] se re-vela e ao se re-velar provoca e gera a aproximação, encurta distância, gera comum-união (comunidade)”:

Ah eu via que isso era muito importante, né? Mano porque tinha algumas questões lá que acontecia no meu polo que eu não sabia como lidar, entendeu? Tipo, como que eu posso dizer? Essa parte, assim sabe, de não tratar as meninas com tanta indiferença dos meninos, sim as meninas são importantes sim, mas não é porque elas são importantes que eu vou separar elas do treino, tipo, você vai ficar treinando domínio de bola aqui e eu vou passar outra atividade para eles porque lá no Capão a gente treina também esse futebol de alto rendimento pra o *Fútbol Callejero* e, tipo, isso é muito importante pra mim, tá ligado, tipo, aqui eles passam como a gente lidar, né? (Ricardo, US 04).

Então, [...] me chamou bastante atenção a questão do gênero que explicava um pouco, que tipo... Não é só lugar de menino jogar bola entendeu? Menina também pode, então isso aí foi uma experiência bem loca pra mim tipo... Porque querendo ou não aquele ogro, tipo você coloca um ogro pra jogar com as pessoas (Mocoreta, US 04).

Então, em questão de gênero, em 2014 eu não sabia lidar com isso, em questão de gênero e depois que eu participei das discussões com este tema, [...]eu me aprimorei mais e senti mais sede de ter conhecimento pra ser uma mediadora legal (Valentina, US 04).

A ação do(a) mediador(a) é fundamental dentro de uma partida de *Fútbol Callejero*, pois se desenvolve de uma maneira em que ele(a) não seja o protagonista, mas sim

estimule os(as) participantes a serem os(as) principais atores e atrizes do diálogo nos três tempos, sobretudo na mediação. O(A) mediador(a), como destaca Guisoccerart, é o(a) coadjuvante:

Ah ação deve ser é... De forma que ele não seja o protagonista da cena, né? Ele só medie mesmo, né? Tem esse lado né? Às vezes quando você vem de uma função que você é o professor, às vezes você tem que transmitir o conteúdo né? Então a pessoa que tem essa formação né? Ou tá iniciando, ela tem que adquirir né? Esse senso de falar: “Pô preciso mediar aqui e eu tenho que estimular o protagonismo das pessoas, pô é... Consciência, né? Senso crítico, dê sua opinião, dê seu ponto de vista sabe”, e aí fazer aquela intervenção sem ser o... Como coadjuvante mesmo sabe, tipo deixar o protagonismo pelos próprios participantes, eu vejo dessa forma que tem que ser (Guisoccerart, US 09).

O(A) mediador(a) tem de ser imparcial e principalmente a pessoa que faz perguntas ao invés de emitir algum juízo de valor decorrente de seus olhares sobre o jogo, porém, há os participantes com distintas percepções - e é aí que podemos favorecer a exposição dos pontos de vista destes participantes para que exponham suas impressões, a partir de questões, como podemos identificar no relato a seguir:

[...] é você também saber ser imparcial em certas coisas, né? Porque você tá numa mediação, você não vai apontar para o menino e falar: “Ó mano você errou, você não ganhou ponto porque você errou”, você aprender ali a conduzir uma conversa tudo, é um bagulho que você também vai levar pra sua vida sobre isso, sobre conduzir uma conversa, se você tá ali numa situação mais zuada, você fala: “Ó vamos sentar aqui, vamos conversar, vamos ver como a gente resolve isso”, eu falo até mesmo no meu relacionamento, eu falo: “Não, vamos sentar aqui, vamos trocar ideia porque ficar nessa de bala trocada aqui não tem como, não vai pra frente”. É muito coisa que a gente vê tipo... De um terceiro tempo durar 40, até 50 minutos porque não entrou num consenso ali de tipo... Você fez isso, mas você fez aquilo, é um bagulho que tipo...tem coisas que a gente tem que saber pensar e um mediador, creio que a gente tá ali, pra poder tipo...ajudar a entrar certas coisas na cabeça dos participantes, tipo...se um menino quebrou, você não vai falar pra ele: “Ó, você não soma porque você quebrou”, você vai falar pra ele: “Não, mas foi cooperativo? Você foi solidário? O menino ali caído tudo, tal, você acha que é um bagulho que tem que ser repensado?” Você vai aprender tipo... A conduzir uma conversa mais da hora, você vai virar um ponto de referência pros meninos porque vão chegar tudo mundo em você pra trocar uma ideia (Vinne Fragoso, US 23).

No entender de Valentina, o(a) mediador(a) é um misto de professor e treinador:

É... Ser mediadora é... Acho que eu... Não sei se poderia comparar a um professor e ao mesmo tempo um treinador, né? Porque o professor ensina

mais valores e o treinador não, é mais o rendimento. Então você sendo mediador, você junta às duas coisas porque mesmo não gostando de futebol, tem as meninas que tem sede de saber jogar, de querer saber jogar e aí as coisas que eu aprendi com um dos Educadores da Ação Educativa, parar a bola, faz isso, faz aquilo e às vezes eu assisto alguns jogos pra poder ajudar essas meninas (Valentina, US 05).

Luciana entende que o(a) mediador(a) é um(a) agente de transformação e que o *Fútbol Callejero* figura como uma alternativa entre tantas dentro do futebol. Desse modo, um futebol não é possível, conforme vimos em Belmonte e Gonçalves Junior (2018); há de pensarmos em “futebóis”:

Então, ser mediadora do *Fútbol Callejero* significa você ser um agente de transformação, como eu dou oficina para crianças, adolescentes e jovens é... Significa muito porque você vê a transformação mesmo assim, acho que... No começo quando a gente falava sobre, se um novo futebol era possível? A gente colocava isso como um questionamento e hoje em dia a gente vê que realmente na prática é algo que é real e que transforma realmente as crianças, adolescentes e jovens, também essas crianças multiplicam isso nas suas casas, melhorando o convívio com a família, então é mais por esse viés (Luciana, US 03).

Os trechos que sucedem dizem respeito à percepção dos(as) mediadores(as) sobre como se posicionam em situações cotidianas, algumas reflexões acerca das transformações ocorridas por serem mediadores(as) de *Fútbol Callejero* e como os pilares (respeito, cooperação e solidariedade) estão presentes como processos educativos em suas vidas.

Vinne Fragoso destaca que o diálogo foi fundamental para superar a vergonha/timidez e como o pilar *respeito* figurou nesse contexto:

[...] porque eu sempre fui vergonhoso pá, mas aí depois você sabe trocar uma ideia, você tem uma cabeça, pra você sentar ali e resolver as coisas da conversa, você vira uma pessoa, querendo ou não, uma pessoa mais respeitosa porque você pensa no pós, tipo... Você faz uma coisa aqui, mas você sabe que na frente lá vai ter uma consequência, então tipo... Você fica nessa né? Vou fazer isso, mas vai ter aquilo ali, acaba que depois... Não é uma obrigação, é uma coisa que a pessoa adere pra ela mesma, eu mesmo aderi pra minha vida (Vinne Fragoso, US 17).

O mediador Vinne Fragoso expõe reflexão sobre a solidariedade, bem como alguns desdobramentos decorrentes dela:

Você ser uma pessoa solidária, porque solidariedade não vem com... Com uma tarja escrito: “Isso é ser solidário”, solidário vem de você, você se faz

solidário. Então, tipo... E eu acho que isso muda bastante, muda dentro... Os meninos dentro casa, a postura na rua, até mesmo hoje lá na comunidade lá os meninos vão jogar um contra, todo domingo de manhã né? Valendo [refrigerante], aí tem essa: “Ow mano, vamos fazer assim, vamos combinar o seguinte, quebrou aqui, a gente vai para troca ideia, pede uma falta, sem treta, sem esses bafuio”, é uma coisa que você vê tipo... Leva pra vida, eu levei pra vida (Vinne Fragoso, US 16).

O trecho seguinte versa sobre uma conquista da mediadora Luciana em se tornar representante juvenil internacional:

Porque através da instituição eu acabei participando da rede de jovens do Brasil, depois de ter virado mediadora e com isso eu fui escolhida pra ir pro Peru pra uma conferência latino-americana, depois disso eu fui escolhida pra representar a América Latina e aí após isso, no ano de 2018 eu fui pra Alemanha pra uma conferência, onde acabei virando representante jovem internacional (Luciana, US 05).

Por fim, as experiências como mediadores(as) não podem se esgotar, têm de continuar. Esse é o desejo de quem está envolvido com este projeto, pois suas vidas mudaram e hoje lutam para que mais pessoas possam ter contato com o *Fútbol Callejero*:

Então, quando eu vou lá fora é... Pra outro país a única coisa que eu sempre levo em mente é de demonstrar a força que tem essa metodologia e que não só no futebol, mas que também ela pode ser levada é... Pra todos os âmbitos assim e isso ajuda muito os jovens, as crianças e os adolescentes a fomentar cada vez mais buscar e o mais importante, que acho que foi o que aconteceu comigo e que eu espero que aconteça com muitas pessoas, como também os mediadores que eu tenho conhecimento, é de você dar uma perspectiva diferente da perspectiva que existe nas comunidades, nas favelas, então acho que é importante por esse lado é... Você vê que um jovem ele tá com uma perspectiva diferente, que ele está querendo buscar coisas, não o lado fácil, mas entender que o trabalho é árduo, porém vale a pena no final (Luciana, US 07).

Nas falas transcritas dos(as) mediadores(as), observamos que estes(as) destacam o diálogo, a solidariedade e empatia, conforme vimos no referencial teórico, especialmente com Freire (2015) e Araújo-Olivera (2014). Ou seja, foram (os mediadores(as)) tendo, pouco a pouco, outrem como critério e o diálogo como condição de possibilidade para construir respeito em reciprocidade.

## Considerações

Assim nasce o *Fútbol Callejero* em um contexto de desesperança imposta e vulnerabilidade social, para um movimento de luta e resistência contra um sistema que os empurrava para as margens da cidade e da sociedade. Faz parte, portanto, de uma motricidade nesta ecologia, em esperar, pois desde a sua criação o motivo pelo qual se pensou este futebol foi a esperança de recuperar sonhos e utopias, mas também, valores como o respeito, a cooperação e solidariedade (FÁBIS; VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR, 2019, p.60).

A presente dissertação traz em seu cerne não concluir ou trazer respostas fechadas sobre o fenômeno pesquisado, mas sim compreensões de processos educativos que decorrem da prática social da mediação no *Fútbol Callejero*.

Ao me engajar neste momento da pesquisa, houve a reconstrução do processo vivido e efetivá-lo envolve outro *re-começar*, *re-fazer* os caminhos percorridos.

O texto teve, assim como o *Fútbol Callejero*, três tempos e assim foram escritas estas considerações.

No primeiro tempo, iniciamos com a revisão de literatura que contou com três trabalhos, sendo um artigo, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado. O artigo e a tese buscaram tratar do *Fútbol Callejero* desde o seu surgimento até a vivência em um projeto de extensão, compreendendo assim um aspecto mais geral do jogo.

A dissertação tratou de utilizar a metodologia *Callejera*, que compreende a vivência de todo o processo (desde os três tempos até a mediação), em diferentes jogos (e não só no futebol), tendo em vista os valores respeito, cooperação e solidariedade (CASTRO, 2018).

Na tese, o autor trouxe um panorama geral do que é o *Fútbol Callejero* vivenciado em um projeto de extensão universitária e, baseado na teoria da sociologia das ausências e sociologia das emergências (SANTOS, 2002), considerou o *Fútbol Callejero* uma motricidade emergente.

Ainda no primeiro tempo foi trazido para diálogo os aportes teóricos da educação, das epistemologias do sul e da motricidade humana, destacando alguns conceitos como formação humana, conscientização, dialogicidade, humanização e libertação.

O segundo tempo tratou da trajetória metodológica desta pesquisa, que buscou não se ater a generalizações, tampouco neutralização; fizemos a opção de aproximação, da

construção de vínculos, lançando mão de uma pesquisa qualitativa envolvendo aproximação e envolvimento *com* as pessoas para realização de entrevistas pautadas na fenomenologia.

O terceiro tempo foi dedicado à construção dos resultados, ao que construímos duas categorias temáticas: (a) “Construção do conhecimento e vivências de novas práticas” e (b) “Protagonismo comunitário no tornar-se mediador(a) de *Fútbol Callejero*”.

Na categoria (a), “Construção do conhecimento e vivências de novas práticas”, conseguimos identificar o momento em que os(as) entrevistados(as) tiveram contato com *Fútbol Callejero* a partir de encontros internacionais, por exemplo, o Mundial, em 2014 (realizado em São Paulo, Brasil) e a Copa América, em 2015 (realizado em Buenos Aires, Argentina); o entendimento do que significa a metodologia do *Fútbol Callejero* foi se dando concomitantemente aos dois eventos citados. Conforme relatou Vinne Fragoso, no início das intervenções houve muita resistência em romper com os costumes vinculados ao futebol de onze, como relatou: “[...] tudo começou mesmo com o futebol convencional, [...] aos poucos foi aplicando a metodologia do futebol de rua e tipo era uns meninos ali que não tinha como né, que era uns meninos briguento tal, tudo, era xingamento pá, aí a gente foi aos poucos aplicando a metodologia” (US 02).

Seguindo com os encontros, os(as) participantes começam a entender que: “[...] não era só você fazer gol, que ali você tinha que ter uns aspectos diferentes, era bem mais amplo” (Vinne Fragoso, US 01). Essa amplitude está nos três tempos, nos pilares, na mediação e no diálogo, por isso insistimos na possibilidade de outro futebol, ou melhor dizendo, futebóis.

Os processos educativos emergentes nesta categoria disseram respeito especialmente à construção do conhecimento, que se deu a partir do exercício de subjetividade e intersubjetividade, proporcionado pela prática social da mediação no *Fútbol Callejero*.

A categoria (b), “Protagonismo comunitário no tornar-se mediador(a) de *Fútbol Callejero*”, trouxe para o diálogo os desdobramentos ocorridos nas vidas dos(as) mediadores(as) entrevistados(as), iniciando pelo processo de tornar-se referência/liderança em suas comunidades, ou seja, desenvolvendo o protagonismo comunitário.

Ao participar dos encontros de *Fútbol Callejero*, somos convidados a refletir sobre nossas ações dentro e fora do jogo, e a partir disso refletir sobre a necessidade mudança de postura, como foi o caso de Mocreeta: “[...] ao passar por esse processo eu tive uma questão de amadurecimento, então eu entendi, eu era preconceituoso. [...] se algum

homossexual olhasse pra mim eu ficava revoltado, então eu descobri que aquilo dali estava me ajudando virar um ser humano na verdade” (Mocoreta, US 03).

Em sua raiz, os idealizadores do *Fútbol Callejero* tinham o anseio de que a partir da vivência do jogo se fortalecesse o protagonismo juvenil, a liderança, o diálogo e a recuperação de valores como respeito, cooperação e solidariedade -processos educativos que identificamos e buscamos compreensão na construção dos resultados com base nos relatos dos(as) jovens mediadores(as).

A partir da prática social da mediação no *Fútbol Callejero* ocorreram transformações dos(as) entrevistados(as) que passaram a refletir acerca de suas vidas, bem como de seu contexto social. A vivência como mediador(a) deste outro futebol provocou mudanças, principalmente a partir dos pilares, pois como vimos na categoria “b”, os relatos que fazem menção ao respeito, à cooperação e à solidariedade foram incorporados em suas ações dentro e fora do jogo, considerando o que fora dialogado no referencial teórico, acerca da intersubjetividade existente entre os(as) mediadores(as), e isso possibilita reflexão-ação, o que provoca as “transforma-ções”.

Destaco que a convivência com essas pessoas me faz querer estar cada vez mais lutando para diminuir a distância entre a academia e o universo popular, estabelecendo uma constante inter-relação entre os diferentes saberes.

Ao participar deste processo, pudemos nos educar em ouvir mais, a estarmos atentos às pessoas, a lutarmos pela educação humanizadora e libertadora, conforme Freire (1983; 2013; 2015) nos ensina.

Vale ressaltarmos que houve limitações e dificuldades enfrentadas durante o desenvolvimento do estudo. A primeira diz respeito ao tempo em que estamos condicionados, pois impõe um ritmo de trabalho que impossibilita mais aprofundamentos nas abordagens. Destaco ainda, como limitação deste estudo, a dificuldade na decisão do que trazer para diálogo nas categorias temáticas diante de tantos dados coletados.

Com o decorrer da pesquisa, vamos amadurecendo e percebendo diferentes fenômenos, vamos educando e nos educando em uma permanente troca de saberes permeada por anúncios e denúncias de uma realidade opressora que, com esperança, será transposta pela educação.

Consideramos que esta dissertação contribui com os ambientes não escolares, sobretudo em projetos sociais (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR, 2018), onde mais comumente é desenvolvido o *Fútbol Callejero*, mas também em ambientes escolares (VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS; MORAES, 2018, p. 113), já que em

coerência com referencial teórico (OLIVEIRA et al., 2014) entendemos que processos educativos que se dão em práticas sociais externas ao tempo-espaço da escola podem também colaborar com o ambiente escolar. Neste estudo, em que foi central a prática social da mediação no *Fútbol Callejero*, destacamos o favorecimento do protagonismo juvenil, em que os(as) jovens assumiram o papel de mediadores(as) e de representantes/lideranças em suas comunidades. A vivência dos pilares do *Fútbol Callejero*, cooperação, respeito e solidariedade (ROSSINI et al., 2012), os processos educativos decorrentes da prática social da mediação, bem como resistência à colonização do poder (QUIJANO, 2010), são contributos ao desenvolvimento crítico dos(as) jovens mediadores/as do *Fútbol Callejero*.

Desejamos que esta pesquisa possa inspirar mais pessoas a conhecer e vivenciar a prática social da mediação no *Fútbol Callejero* e que possamos seguir nos respeitando, cooperando com as pessoas a nossa volta e nos solidarizando a outrem.

Por fim, em exercício de ecologia de saberes (SANTOS, 2010), terminamos este texto com trecho de um poema escrito por umas das mediadoras, Luciana, o qual fez parte de uma ação desenvolvida em um dos polos de *Fútbol Callejero*, tendo sido apresentado em uma reunião dos(as) mediadores(as) e que em muito representa a realidade dos(as) jovens “*Callejeros*” e “*Callejeras*”.

Olha o futebol de rua aí, como outra sugestão,  
De acolhimento, solidariedade, cooperatividade e respeito.  
Proposta de aprendizagem, o brincar como alternativa para transformar.  
O ato de jogar, gatilho pra se dialogar,  
A sacada de re-significar, o que já acontece na rua da quebrada.  
Pés descalços, sem juiz, bola,  
Garrafa pra marcar o gol e sorriso de criança feliz.  
A gente acredita e aprende junto,  
Repassa tudo o que sabe, constrói em conjunto.  
Futebol de rua, arte e cultura em prol a um único objetivo;  
Lutar pelos direitos das crianças, em prol a esperança,  
De um melhor presente e futuro.  
(Luciana)



## Referências

AÇÃO EDUCATIVA. **Sobre nós e projetos**. Disponível em: <<http://acaoeducativa.org.br>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

ARAÚJO-OLIVERA, Sonia S. Exterioridade: o outro como critério. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.47-112.

BELMONTE, Maurício M. **Fútbol Callejero**: processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente. 2019. 522f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2019.

BELMONTE, Maurício M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. *Fútbol Callejero*: nascido e criado no sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra (Portugal), n. 116, p. 155-178, 2018.

CASTRO, Lígia E. **A construção de valores orientada pela metodologia callejera na educação física escolar**. 2018. 136f. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.

DESCARTES, René C. **Princípios da filosofia**. Lisboa: Presença. 1995.

DUSSEL, Enrique D. **Introducción a la filosofía de la liberación**. 1995. Bogotá: Editorial Nueva América, 1995.

DUSSEL, Enrique D. **Transmodernidad e interculturalidad** (interpretación desde la filosofía de la liberación). México City: UAM, 2005.

DUSSEL, Enrique D. A conscientização em Paulo Freire. In: \_\_\_\_\_. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2007. p.434-443.

FÁBIS, Lúcio C.; VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Esperançar em ecologia de motricidades: 20 anos do projeto de extensão “vivências em atividades diversificadas de lazer”. In: Seminário de Pesquisas em Práticas Sociais e Processos Educativos: Reflexões no esperançar, 6, 2019, São Carlos/SP. **Anais...** São Carlos: PSPE, 2019. p. 50-66.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 11, n 1, p. 4-11, janeiro/junho de 1986.

FIORI, Ernani M. Educação libertadora. In: \_\_\_\_\_. **Textos escolhidos**, v. II. Educação e Política. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 83-95.

FIORI, Ernani M. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. p. 11-30.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 22ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GARNICA, Antônio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**: comunicação, saúde, educação, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO, Clayton da S.; CORRÊA, Denise A. Ciclovigagem, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.4 p.173-208, 2015.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Interfaces do lazer**: educação, trabalho e urbanização. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008, p. 54-108.

JARA-HOLLIDAY, Oscar. **Para sistematizar experiências**. 2 ed. Brasília: MMA, 2006.

LE MOS, Fábio R. M. **Entre o ócio e o negócio**: possibilidades de desenvolvimento da motricidade escolar. 2013. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

MACHADO, Ozeneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria. A. V.; ESPOSITO, Vitória. H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 35-46.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

MARTINS, Joel; BOEMER, Magali R.; FERRAZ, Clarice A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 139-147, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ Sulina, 1999, p. 61-93.

MOVIMIENTO FÚTBOL CALLEJERO. **Metodología**. Disponível em: <<https://movimientodefutbolcallejero.org/futbol-callejero/metodologia/>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; GARCIA MONTRONE, Aida V.; JOLY, Ilza. Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W., SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

RODRIGUES, Cae; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. *Motriz*, v. 15, n. 4, p. 987-995, 2009.

ROSSINI, Luciano; SERRANI, Esteban; WEIBEL, Matías; WAINFELD, Manuel. **Fútbol callejero**: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina. Buenos Aires: FUDE, 2012.

SCAGLIA, Alcides. **A história do surgimento do futebol a partir das brincadeiras de bola com os pés**. 2008. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/a-historia-do-surgimento-do-futebol-a-partir-das-brincadeiras-de-bola-com-os-pes/>> - Acesso em 06 jan. 2020.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SANTOS, Boaventura S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Boaventura S. **Toward a new common sense**: law, science and politics in the paradigmatic transition. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SÉRGIO, Manuel. A racionalidade epistémica na educação física do século XX. In: SÉRGIO, Manuel et al. (Org.). **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p.13-30.

SÉRGIO, Manuel; TORO, Sergio A. La motricidad humana, un corte epistemológico de la educación física. *En-Acción*, Cauca, v. 1, p. 101-109, 2005.

VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M. “Fútbol Callejero”: Processos educativos emergentes da prática social da mediação. *Revista Kinesis*, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 91-100, 2017.

VAROTTO, Nathan. R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M.; MORAES, Fábio. “Fútbol Callejero” na Educação Física Escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. *Rev. Bras. de Iniciação Científica (RBIC)*, Itapetininga, v. 5, n. 5, p. 104-120, 2018.

VAROTTO, Nathan R.; SOUZA JÚNIOR, Osmar M. Fútbol Callejero: um olhar para os processos educativos. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 43-60, 2019.

## APÊNDICE

### Transcrição Entrevistas

#### **Guisoccerart**

Ano de nascimento: 1996

Bairro em que mora: Grajaú, SP

Bairro onde atua: Grajaú, SP

Autodeclaração de raça/cor: Preto

Escolaridade: Formado em Educação Física e atualmente cursando Pós-graduação

Há quanto tempo atua como mediador: 6 meses.

**Nathan** – Então Guisoccerart, pra começar aqui, a primeira questão é: Como se deu sua aproximação com o *Fútbol Callejero*?

**Guisoccerart** – Então, é... minha aproximação com o Fútbol Callejero se deu através, mais ou menos de 2014, no mundial né? Do Fútbol Callejero, onde começou algumas matérias rolar, né? Nas redes sociais é... Até através do Criolo [cantor] também que eu acompanhava através do rap e consegui né? Saber mais sobre essa metodologia né? Um futebol mais educativo, mais cultural e a partir dali comecei a tentar, como poderia né? Estar me aproximando do futebol né? Da coordenação, dos mediadores, da instituição que organiza para poder estar participando mais. 01

**Nathan** – Certo, foi a partir do mundial então que você teve a...

**Guisoccerart** – É, 2014 ali que eu tinha acabado de ingressar pra faculdade também, entrei na faculdade em 2014 mesmo e aí já estava buscando as maneiras de se infiltrar né no futebol com educação e cultura. 02

**Nathan** – Massa, e aí, qual ou quais motivos fizeram com que você participasse do processo de formação de mediadores? Como você se despertou depois dessa aproximação pra se tornar mediador do seu polo?

**Guisoccerart** – Foi através do Educador<sup>13</sup> mesmo né? Encontrei ele no facebook e aí comecei a acompanhar, e aí teve um momento que eu chamei ele no PV e falei: “Pô como que eu faço pra tá sendo mediador e tal” 03, aí ele f.. É... né? Nós fomos conversando e não conseguimos na primeira vez, eu comparecer a um evento, aí teve um tempo que nós ficamos de espera, só que no dia do São Carlos que foi o primeiro evento né? Exatamente o de São

<sup>13</sup> Toda as vezes que aparecer “o Educador” se trata de um dos Educadores da Ação Educativa que tem contato direto com os polos e os/as mediadores.

Carlos, foi o primeiro evento que eu fui da Ação Educativa com a Rede Paulista e foi a partir dali que começou minha ingressão pra Rede Paulista. 04

**Nathan** – Que massa, e o processo da formação de mediadores? Pra você chegar a seguir com seu polo como mediador, assim, esse processo de formação?

**Guisoccerart** – De formação, teve alguns eventos da Ação é... Teve um interposos com o Capão, teve uma formação com atividade no museu do futebol e... Creio que com a faculdade também né? Ajuda de alguma forma nessa parte de formação, só que pela Rede Paulista teve esses dois eventos que foram cruciais assim, junto com o de São Carlos também, pra eu poder me encontrar com a metodologia. 05

**Nathan** – E o que significa para você se mediador do *Fútbol Callejero*?

**Guisoccerart** – Ah, é... Algo extraordinário assim, eu vejo como um... Uma revolução é... Nas atividades sabe, tipo é um ato revolucionário todo dia ali a atividade do *Fútbol Callejero* né? Com essa mensagem de pode ajudar, auxiliar um jovem a se desenvolver né? A adquirir seu protagonismo né? Sua liderança né? Sua autonomia, senso crítico 06 né? Eu acho que o modelo educacional assim, do sistema, ainda é muito padronizado, muito sistemático, então o *Fútbol Callejero* / futebol de rua, a metodologia dele traz coisas que nem a escola, nem muitos professores, nem a sociedade em geral trazem, sabe, a reflexão, o lado atitudinal né? Que é o... Lado do comportamento que leva pra vida né? 07 Então eu acho que... Eu vejo o *Fútbol Callejero* com um grande potencial assim que... Até brinco as vezes que todas as pessoas do Brasil né? Deveriam praticar né? O *Fútbol Callejero*. 08

**Nathan** – Massa e dentro do *Fútbol Callejero* como você vê a ação do mediador ou da mediadora?

**Guisoccerart** – Ah ação deve ser é... De forma que ele não seja o protagonista da cena né? Ele só medie mesmo né? Tem esse lado né? Às vezes quando você vem de uma função que você é o professor, às vezes você tem que transmitir o conteúdo né? Então a pessoa que tem essa formação né? Ou tá iniciando, ela tem que adquirir né? Esse senso de falar: “Pô preciso mediar aqui e eu tenho que estimular o protagonismo das pessoas, pô é... Consciência né? Senso crítico, dê sua opinião, dê seu ponto de vista sabe”, e aí fazer aquela intervenção sem ser o... Como coadjuvante mesmo sabe, tipo deixar o protagonismo pelos próprios participantes, eu vejo dessa forma que tem que ser, 09 sabe, é... Vejo com sem hierarquia sabe, é meio que anárquico mesmo, o *Callejero* assim, a mediação é anárquica, tem que rolar várias lideranças assim dá seus pontos, mas sem uma hierarquia de diferenças sabe, o mediador se comporta ali, só na mediação, os participantes fazem a cena e dessa maneira.

**Nathan** – E como você vê também, essa participação do mediador ou da mediadora né, no seu caso mediador, ser da região né, no seu caso Grajaú, o que você atribui ou quais pontos você atribui qual a vantagem ou desvantagem do mediador ser...

**Guisoccerat** – Da quebrada assim, do espaço...

**Nathan** – Isso. Porque é isso que acontece né, todos os mediadores aqui de São Paulo do bairro, da quebrada ali, então, você do Grajaú, o Ricardo do Capão, tem o Mocoreta de Sapopemba, então como você vê essa relação assim, até pra que você se despertou para ser mediador, como que outra pessoa lá, outro participante também participe desse processo, para que junto com você ser mediador também, nesse sentido.

**Guisoccerart** – Creio que é essencial ser um mediador da própria região sabe, do próprio local porque gera referência né? Referência da própria quebrada, então todo mundo olha com um espelho mesmo, exemplo não sei se somos né? **11** Também temos nossas escolhas tal, mas é como diz o Criolo né? “Exemplo não sou, estou longe de ser, cidadão comum com vontade de vencer”, essa visão pelo menos eles vão adquirir e aí com a metodologia do Fútbol Callejero vão gerando a ampliação de novas referências sabe, então é... Fica só com o coordenador né? Inicial que começou ali né? Que trouxe o Callejero pra quebrada, mas com a ampliação né? A expansão de novas lideranças a partir da metodologia, a aquisição dos conhecimentos e das vivências né? Que posteriormente pode se tornar experiência pra esses participantes, não importa se vai ser criança ou adolescente, eles vão levar pra vida deles e esse tipo de metodologia vai disseminar novas lideranças no bairro que podem propagar cada vez mais novas atividades, que seja o Callejero ou que seja a liderança que ela conseguiu é... Adquirir com a metodologia, com a prática do Callejero, ela foi e começou um curso de empreendedorismo, foi e começou outro evento de cultura sabe, foi e começou alguma palestra, alguma atividade de primeiros socorros, então só de poder ajudar o jovem a né? Ser protagonista assim, acho que é o maior legado que fica. **12**

**Nathan** – Massa e você que acrescentar algo mais sobre esse assunto? Da formação de mediadores.

**Guisoccerart** - É... Talvez ter algum tipo de estímulo né? Tanto de recursos, quanto de é... Como eu posso dizer? Algum edital, sabe, patrocinadores, para que cada vez mais o polo em si poder atuar é... Com mais ênfase, sabe, eu ainda sinto que nós podemos fazer mais sabe, usar o Callejero, mas numa forma de emancipar, sabe, de ter mais eventos ali, de ter mais recurso, de ter mais é... Força, sabe **13**, vamos supor, se eu trago algum jovem pra ser mediador, só que ele tá chegando dos 17 pra cima ali né? Então pra nós conseguir manter esse jovem né? Conosco na metodologia ou ele vai pra uma CLT ou ele vai começar

né? A querer se emancipar né? Ter um financeiro/uma renda, só que como nós fazemos isso? Como que nós vamos seguir com ele, sabe, no nosso projeto? Então precisa rolar uma organização mais sofisticada sabe, possa ser a palavra assim, mais aberta, para que esse jovem pegue e leve a sério, não como um lazer que ali: “Ah tô mediando ali, mas qual é o meu papel aqui? Pô, mas tô fazendo 17 anos? Tô terminando a escola, qual que é?”, então, possivelmente se não rolar esse tipo de atividade né? Desses fatos, desses aspectos, ele vai acabar largando a metodologia, vai até certo ponto sabe, isso eu vejo com uma forma, uma maneira que nós temos que organizar melhor, até por sustentabilidade dos polos porque a partir dos editais que nós estamos agora, como que nós vamos manter? Ah vai até tal data, mas pô e pós essa data? Como que nós vamos sobreviver, saca? Então vai acabar todos os polos ou nós vamos se sustentar? **14** Então acho que se organizar melhor dessa maneira e atuar, atuar a todo o momento sabe de forma política *every day*, sabe, todos os dias com os jovens, é isso. **15**

**Nathan** – Massa, o Guisoccerart só agradecer aí por sua participação, ajudou muito mano, obrigado mesmo.

### **Ricardo**

Ano de nascimento: 1996

Bairro em que mora: Capão Redondo

Bairro onde atua: Capão Redondo

Autodeclaração de raça/cor: Negro

Escolaridade: Ensino Médio Incompleto

Há quanto tempo atua como mediador: 3 anos.

**Nathan** – Então, a primeira questão, Ricardo é como se deu sua aproximação com o *Fútbol Callejero*?

**Ricardo** – Eu conheci o *Fútbol Callejero*, né? Através de dois amigos meus lá da comunidade do Capão que participaram do mundial, né? Que aconteceu aqui no Brasil, mas antes disso eu tinha participado já da apresentação lá no SESC Pinheiros que teve e aí eu não acabei participando do mundial de futebol de rua porque eu estava apertado de grana e apareceu uma oportunidade pra eu trabalhar. Era até ali na Vila Madalena e quando eu descia, né? Eu via até os moleques lá em baixo, lá no largo da batata, ali, que eu pegava o busão **01** e falei carai, olha a rapaziada ali. Então foi através deles mano, dois colegas que acabaram participando como jogadores, um acabou participando como jogador e outro como mediador e voltou pra comunidade falando, caraio mano o bagulho é da hora mesmo é do jeito que

apresentou lá e outra não é nada de um bicho de sete cabeças é o mesmo futebol que nós jogamos aqui no pantanal, nós joga lá. Depois do jogo, não tem aquela resenha nossa? Só que a resenha lá é um pouquinho mais pegada, né? Pai ou vai ou racha e foi através dessa rapaziada da hora e eu tô até hoje 02. Aí depois acabei participando também da Copa América né? Em 2015, se consagramos campeão, acabei voltando né? Como mediador já, aí acabou tendo a oportunidade de participar de novo como jogador na Copa Catcho Rodrigues em 2016 e tamo aí agora como mediador firme e forte 03.

**Nathan** – Que massa, e aí, qual ou quais motivos fizeram com que você participasse do processo de formação de mediadores?

**Ricardo** – Ah eu via que isso era muito importante né? Mano porque tinha algumas questões lá que acontecia no meu polo que eu não sabia como lidar, entendeu? Tipo, como que eu posso dizer? Essa parte, assim sabe, de não tratar as meninas com tanta indiferença dos meninos, sim as meninas são importantes sim, mas não é porque elas são importantes que eu vou separar elas do treino, tipo, você vai ficar treinando domínio de bola aqui e eu vou passar uma outra atividade para eles porque lá no Capão a gente treina também esse futebol de alto rendimento pra o *Fútbol Callejero* e, tipo, isso é muito importante pra mim, tá ligado, tipo, aqui eles passam como a gente lidar, né? Algumas formações e outras coisas, né? Mistura de gênero. 04

**Nathan** – Massa, e aí, o que significa para você ser mediador de *Fútbol Callejero*?

**Ricardo** – O que significa pra mim ser mediador? Eh.. .Eh... muitas pessoas lá na minha comunidade me vê como um espelho, tá ligado, tipo, tá tendo um problema em casa as mães vai lá e fala: “Oh... O meu filho ba-ba-ba, não tá fazendo isso e aquilo, só escuta você”, só vê isso, mas muitas vezes já, mãe já chegou em mim trazendo problema de casa, que o filho não estava conseguindo fazer isso, que era pra eu falar com ele porque senão ia ficar sem o futebol, a mãe não ia liberar pro futebol 05. Ser mediador pra mim mano é... Essas coisas sabe, saber lidar com o outro, ser um... Não digo porta-voz, mas, como que eu posso dizer? Cê tá ali né, Cê ser uma referência. 06

**Nathan** – Tá, entendi, você acha que transcende ao *Fútbol Callejero*, assim no sentido de estar ali no campo.

**Ricardo** – Isso, não é só ali no campo, fora do campo você também se torna mediador. 07

**Nathan** – E você gostaria de acrescentar algo mais sobre o assunto?

**Ricardo** – Não



**Nathan** – Entendi. O Ricardo, só agradecer aqui, você ter participado, foi muito bom, agradeço sua participação véi.

### **Vinne Fragoso**

Ano de nascimento: 1997

Bairro em que mora: Sapopemba

Bairro onde atua: Vila Buarque

Autodeclaração de raça/cor: Preto

Escolaridade: cursando o Ensino Superior (Educação Física)

Há quanto tempo atua como mediador: 5 anos

**Nathan** – Vamo lá Vinne Fragoso, pode falar a vontade. Como se deu sua aproximação com o *Fútbol Callejero*?

**Vinne Fragoso** – Ah então eu participava do futebol com o Educador, né? Que no caso, ali no começo era só futebol convencional mesmo, jogar por jogar 01. Aí ficamos nisso por mais ou menos um ano/um ano e meio. Até que o Educador trouxe pra gente uma metodologia diferente né, que não era só você fazer gol, que ali você tinha que ter uns aspectos diferentes, era bem mais amplo tal e nisso eu fui gostando bastante, não só de jogar, mas também do terceiro tempo, fui participando bastante, ia direto, era treino toda quarta, ia diretão, jogava bola e participava tal, até que um dia eu falei pro Educador que eu queria ter uma participação ali no terceiro tempo, se eu podia tá acompanhando mediação ali com ele 02 tudo, e tipo foi vindo aos poucos, era futebol convencional até que aos poucos foi aplicando a metodologia do futebol de rua e tipo era uns meninos ali que não tinha como né, que era uns meninos briguento tal, tudo, era xingamento pá, aí a gente foi aos poucos aplicando a metodologia, o Educador veio trazendo pra gente tudo, foi aplicando, tipo começa só com a gente montava as regras, aí daqui a pouco aí gente ia lá sentava e falava: “Não, pô mais e aí, vocês respeitaram essas regras aí?” Nem tinha todo o conceito, mas aí foi aplicando aos poucos e no início eu fui me identificando bastante, mas tudo começou mesmo com o futebol convencional, que foi sendo aplicado o futebol de rua 03, a gente já participava, era uma turma que já estava ali junto, só que uns meninos briguento, xingava tá ligado, mas tipo geralmente ali tudo amigo tal participava ali também, o Educador só aplicava a oficina, aí nisso fui conhecendo a metodologia e fui gostando da metodologia e até o momento que eu me apaixonei pelo terceiro tempo, que aí pedi pra estar participando de formação tudo 04, o Educador também identificou ali que eu estava tendo bastante vontade, que eu estava me

esforçando bastante pra isso e tinha treino que não ia nem pra jogar bola, que eu ia só pra fazer o terceiro tempo, só pra estar participando na mediação ali com eles, tudo certinho 05.

**Nathan** – Que massa Vinne, e aí aproveitando que você deu esse gancho, qual ou quais motivos fizeram com que você participasse do processo de formação de mediadores?

**Vinne Fragoso** – Ah sim, então, tipo, tudo começou ele aplicou e depois de um tempo ele falou: “Ó, vai ter um campeonato pra Argentina”, só que antes de ele falar isso eu já estava, tipo, mais ligado na mediação porque eu jogava, mas nunca fui aquele craque de bola (risos), é eu era mais um menino, é, mas eu observava bastante o jogo e eu joga mais atrás na quadra e eu observava bastante, então eu via e fala: “Nossa, esse menino fez isso, esse fez aquilo”. Então, tipo, foi uma coisa que você vai prestando atenção, se você tem, tipo... Você tem uma visão a mais entendeu, porque você tá jogando bola aqui, mas você tá pensando num terceiro tempo e com isso e fui tipo... Fui me aproximando mais do terceiro tempo, do que com o futebol ali, com o segundo tempo que é onde a bola rola 06. Fui tipo... Fui gostando mais dessa parte, mas da parte onde eu converso, onde eu sento e troco ideia, mas joguei bastante, muito tempo e fui me aproximando do futebol. Aí eu falei que queria estar participando das formações, pedi pra estar acompanhando mediação e foi vindo aos poucos, tipo, foi pelo meu interesse de estar querendo acompanhar as mediações 07 porque eu jogava com os meninos tal, mas aí você vê os meninos ali tudo falava: “Não, quero sentar ali e trocar ideia” 08. Porque se você está ali participando, você vê uma coisa que você fala: “Mano eu posso tentar ajudar a mudar nisso”, e se você entra pra uma mediação, você vai troca ideia com o menino e no final do jogo você fala: “Ó aconteceu isso, isso e isso você não acha que é uma boa a gente tá repensando pra uma próxima vez, tal próximo jogo?” 09. E assim foi indo, fui vindo aos poucos, aí eu pedi pra estar participando, comecei a participar das formações aqui na Ação Educativa, aí fui me implantando um pouco mais no CEDECA Sapopemba, pra também tá aplicando oficina lá junto com o Mocreto, mas aí tipo... Veio bem aos poucos mesmo, eu fui participando, participando e me apaixonando pela metodologia, gostando mais do terceiro tempo, por tipo, gostar mais de trocar ideia, entendeu, de querer fazer uma diferença tipo, com os meninos, mostrar uma visão diferente, falar que tem outra forma de resolver as coisas, ao invés de ir lá e dar um rodo e dar um soco na cara, de estar tipo... Mostrando que na conversar a gente resolve muito mais coisa tipo... Pensando com uma forma mais ampla a gente consegue resolver muito mais coisa do que tipo... Deixar pra resolver ali e dar uma porrada, dar um chute. Aí foi nessa visão mesmo que fui tipo, gostando mais e querendo ir trocar ideia com eles. 10

**Nathan** – Pode crer e o que você pensa sobre a formação de mediadores, o que contribuiu pra você?

**Vinne Fragoso** – Ah de coração mesmo, eu sou até suspeito de falar porque eu falo que eu sou apaixonado pela metodologia, que é o meu terceiro amor eu falo, que é Corinthians, minha mãe e a metodologia 11 (risos), Aí eu falo né, tipo... Que eu sou muito suspeito em falar, só que tipo... Foi algo me mudou muito, igual, eu nunca fui um menino rebelde em escola, em casa, nada. Só que você vê que é uma coisa diferente quando você tá olhando por fora, entendeu, tipo... Eu vejo menino que hoje é mediador aqui com a gente, que tá passando por processo de formação, que era menino rebelde, que era menino que xingava 12. Eu xingava jogando porque tudo mundo xinga, é um impulso, você tá jogando um convencional e sai um palavrão, um xingamento 13, a pegada ali que não sai do futebol de rua, que é a mesma pegada, só que com outros intuitos tal. E tipo... Eu acho que é uma coisa muito importante porque eu vejo tipo... Que pra mim, eu estudava na escola, no Romeu Montoro, lá em Sapopemba e quando eu entrei pra mediação ali e virei como se fosse tipo... Um ponto dali, tipo... Tinha os meninos da escola, porque eu comecei a aplicar a oficina dentro da escola e os meninos... O que acontecia na escola com eles tipo... Deixou de tá: “Ah eu vou chamar mãe, vou tirar a mãe do menino do trabalho pra ela vir aqui conversar. Vamos chamar ali o Vinne, o Vinne vem como ele da oficina pra eles, o Vinne vai e traca ideia” 14. Então tipo... Direto, direto eu estava na secretaria, na diretoria conversando com os meninos, era eu, os meninos e a diretora. Aí tipo... Você vê que cria uma cabeça diferente porque você não tá ali formando um atleta, é o que eu sempre falo, tipo... Toda formação que a gente vai estar, a gente tenta tipo... Formar cidadãos, cidadãos melhores, tipo... Porque você ser cooperativo é muito melhor do você ser uma pessoa tipo... Isolada ali, você tá ali junto, você ter amizade, você tá dentro de quadra com companheiros tudo 15. Você ser uma pessoa solidária, porque solidariedade não vem com... Com uma tarja escrito: “Isso é ser solidário”, solidário vem de você, você se faz solidário. Então, tipo... E eu acho que isso muda bastante, muda dentro... Os meninos dentro casa, a postura na rua, até mesmo hoje lá na comunidade lá os meninos vão jogar um contra, todo domingo de manhã né, valendo [refrigerante], aí tem essa: “Ow mano, vamos fazer assim, vamos combinar o seguinte, quebrou aqui, a gente vai para troca ideia, pede uma falta, sem treta, sem esses baguio”, é uma coisa que você vê tipo... Leva pra vida, eu levei pra vida 16, porque eu sempre fui vergonhoso pá, mas aí depois você sabe trocar uma ideia, você tem uma cabeça, pra você sentar ali e resolver as coisas da conversa, você vira uma pessoa, querendo ou não, uma pessoa mais respeitosa porque você pensa no pós, tipo... Você faz uma coisa aqui, mas você sabe que na frente lá vai ter uma

consequência, então tipo... Você fica nessa né, vou fazer isso, mas vai ter aquilo ali, acaba que depois... Não é uma obrigação, é uma coisa que a pessoa adere pra ela mesma, eu mesmo aderi pra minha vida 17, tipo... Ser uma pessoa mais respeitosa, mais comunicativa, tipo... Ter um pouco mais... Igual mesmo você vê, são coisas simples, no ônibus mesmo, você vê uma senhora vindo, você não vai ficar lá sentado tal, você levanta pá, eu mesmo cansadão, viro e falo: “Mano é minha parte, entendeu, não é minha obrigação é minha parte”, eu levo pra minha vida o futebol de rua nesse sentido 18, tipo... Não sou um craque de bola, não aprendi a jogar bola, mas criei uma cabeça da hora jogando com essa metodologia 19.

**Nathan** – Que massa, e aí, o que significa pra você ser mediador do *Fútbol Callejero*?

**Vinne Fragoso** – Ah, então, eu creio que pra mim ser mediador do futebol de rua é algo tipo... Eu não vou dizer maravilhoso porque a gente encara muitas coisas tipo...que a comunidade oferece ali pra gente né? 20 Mas tipo... Eu vejo que eu consigo ser uma referência dentro da quebrada, não no sentido, nossa ó o Vinne passando ali não sei o que, mas uma coisa no sentido, carambra ó o Vinne começou jogando bola com a gente, tá ali agora trabalhando na Ação Educativa, organiza o futebol pra gente tudo 21. Eu vejo que você ser mediador, você além de ser uma referência na quebrada, você vai ter um pouco de conhecimento ali de tudo, todo mundo vai te conhecer, você vai conseguir trocar ideia com todo mundo, você entra, você sai, você fala com qualquer pessoa, com os pais tudo, mas você tipo... Você vira uma pessoa tipo... Vamos supor, um exemplo, porque o menino vão ver, vão falar: “Não é assim ó, ele faz assim, vamos tentar fazer assim também” 22, tipo e é você também saber ser imparcial em certas coisas né? Porque você tá numa mediação, você não vai apontar para o menino e falar: “Ó mano você errou, você não ganhou ponto porque você errou”, você aprender ali a conduzir uma conversa tudo, é um bagulho que você também vai levar pra sua vida sobre isso, sobre conduzir uma conversa, se você tá ali numa situação mais zuada, você fala: “Ó vamos sentar aqui, vamos conversar, vamos ver como a gente resolve isso”, eu falo até mesmo no meu relacionamento, eu falo: “Não, vamos sentar aqui, vamos trocar ideia porque ficar nessa de bala trocada aqui não tem como, não vai pra frente”. É muito coisa que a gente vê tipo... De um terceiro tempo durar 40, até 50 minutos porque não entrou num consenso ali de tipo... Você fez isso, mas você fez aquilo, é um bagulho que tipo...tem coisas que a gente tem que saber pensar e um mediador, creio que a gente tá ali, pra poder tipo...ajudar a entrar certas coisas na cabeça dos participantes, tipo...se um menino quebrou, você não vai falar pra ele: “Ó, você não soma porque você quebrou”, você vai falar pra ele: “Não, mas foi cooperativo? Você foi solidário? O menino ali caído tudo, tal, você

acha que é um bagulho que tem que ser repensado?”, você vai aprender tipo... A conduzir uma conversa mais da hora, você vai virar um ponto de referência pros meninos porque vão chegar tudo mundo em você pra trocar uma ideia 23. Hoje mesmo, eu passo na rua lá e os meninos vêm me cumprimentar e fala comigo: “E aí professor, não sei o que, tal”, é um bagulho muito da hora, você passa e você é reconhecido pelo que você faz, você ama o que você faz e as pessoas gostam de você pelo que você faz tipo... Você não faz o bagulho por fama porque você não é um cantor, você não é um ator, mas você faz o bagulho porque você gosta e porque você está tentando passar algumas coisas para as pessoas 24. Eu aplico a metodologia a metodologia do futebol de rua em muitas coisas, até mesmo na faculdade quando vou trocar uma ideia, quando eu vou apresentar um projeto na faculdade, eu tento introduzir sempre o máximo e falar: “Ó, vamos combinar isso, vamos fazer isso e no final nós troca ideia sobre”, e tipo... É um bagulho que você vai levando entendeu, e você vira uma referência no sentido positivo, de as pessoas te procurarem pra tipo... Ter uma ajuda, pra pode trocar uma ideia, pra você tipo... Poder encaminhar elas de certa forma tipo... Falar pra ela: “Ó, eu não vou interferir nisso, mas acho que dessa forma aqui, sei lá, você desenvolveria um pouco melhor o que você faz” 25. E eu creio que ser mediador do futebol de rua é esse algo que eu amo ser porque eu amo a metodologia, eu amo o futebol de rua e tipo... É um bagulho da hora, porque você faz o que você vai virar, entendeu? Tipo... Se você quiser ser tipo... Um mediador caladão, quietão na sua você vai ser, porém você vai ter suas consequências entendeu, não ter muito adolescente que vai chegar em você pra trocar ideia. Agora, se você for tipo... Falar mais na linguagem deles, você saber se comunicar, você tem que saber se comunicar tanto dentro da comunidade, quanto com os adolescentes, com os pais ou com a ONG que você atua 26. Então é uma coisa que vai expandir seus conhecimentos pra você saber como se comunicar, saber trocar uma ideia, saber um diálogo melhor ali com quem você vai tá trocando ideia, então tipo... É muito da hora. 27

**Nathan-** E, você gostaria de acrescentar algo mais sobre o assunto?

**Vinne Fragoso** – Não, eu creio que tipo... Que eu tenho pra mim que a metodologia do futebol de rua tinha que ser aplicada em todas as escolas mano porque é uma coisa que a gente vê, por exemplo, tem um campeonato... Um interclasses da vida aí, que você coloca lá 50 adolescentes dentro de uma quadra e fala: “Tó, se mata”, igual eu estou fazendo faculdade de Educação Física, eu quero fazer tanto bacharel, quanto licenciatura, tenho um sonho de ter ali minha academia, tudo bonitinho tal, mas também tenho um sonho de estar implantando a metodologia do futebol de rua dentro de uma aula porque eu cansei de ter um professor/uma professora de Educação Física que entra joga a bola dentro da quadra e fala:

“Tó, menino joga, menina não quer vai sentar na arquibancada”. É um bagulho que você vê que tipo... Da pra gente introduzir, que da pra gente mudar que não precisa de muita coisa, precisa de uma, duas pessoas dentro de uma escola que a gente consegue mudar, fazendo uma mudança, querendo ou não, muito forte porque você colocar uma menina pra jogar com um menino, você colocar eles depois pra trocar ideia, você colocar uma aula, onde eles combinam o que eles querem fazer dentro da aula é uma coisa que tipo... Eu queria ter um professor assim enquanto estava estudando, eu queria um professor que chegasse e trocasse ideia com a gente, que aplicasse uma coisa diferente, depois ele ajudasse a gente de certa forma e trocasse uma ideia com a gente, no sentido de... No que a gente erra, no que acerta, como a gente pode melhorar, eu queria ter tido um professor assim, então creio que tipo... Nas escolas a gente tinha que pegar pesado, pegar firme pra implantar essa metodologia **28** porque eu mesmo, eu falo, quando eu for professor, vai ser minha meta, essa é minha meta, chegar na escola pegar uns alunos tal e implantar essa metodologia, não só com o futebol porque a gente pode implantar tipo... Na aula, até dentro de sala mesmo a gente consegue implantar essa metodologia, então tipo... A gente pode fazer uma mudança, a gente não vai mudar o mundo, mas a gente pode tentar mudar o máximo de pessoas que a gente consegue e aos poucos a gente vai chegando lá **29**.

**Nathan** – Pô Vinne, brigadão mano, valeu mesmo.

**Vinne Fragoso** – É nós Nathan, tamo junto.

### **Mocoreta**

Ano de nascimento: 1997

Bairro em que mora: Sapopemba

Bairro onde atua: Sapopemba e Jardim Paulistano

Autodeclaração de raça/cor: Negro

Escolaridade: Ensino Fundamental Completo

Há quanto tempo atua como mediador: 4 anos

**Nathan** – Vamo lá Mocoreta, como se deu sua aproximação com o *Fútbol Callejero*?

**Mocoreta** – Então, na questão do Fútbol Callejero eu participava da oficina do CEDECA, CEDECA-Sapopemba que é o polo que eu atuo, tem um professor de futebol que também é Educador da Ação Educativa e chegou até ele né, essa proposta tal, mas a gente já trabalhava um pouco mais nesse sentido, mas não conhecia a metodologia porque querendo

ou não a gente não tinha aquela coisa do apontamento entendeu? Vamos escolher a dedo o jovem, não! A gente sempre fazia uma coisa lúdica pra tirar a equipe 01. Então através disso chegou o Educador, então tinha dois meninos na minha frente que já tinha acompanhado tal, eu só era apenas o terceiro que ali tal só acompanhando, mas por questão de idade os meninos os meninos estavam trabalhando e como eu era mais jovem tal, o Educador tentou investir na minha pessoa, eu conheci o mundial em 2014 e fui participar e adorei e através disso ele me fez o convite para virar mediador e participar de algumas formações 02.

**Nathan** – Massa, e aí, qual ou quais motivos fizeram com que você participasse do processo de formação de mediadores?

**Mocoreta** – Então... Minha questão é... Eu participei de algumas formações, algumas dessas chamaram minha atenção outras não, mas a questão é o que... Que tipo eu era daqueles meninos que não respeitava os pais, eu fazia o que eu queria tal e, ao passar por esse processo eu tive uma questão de amadurecimento, então eu entendi, eu era preconceituoso algum [homossexual] chegava perto de mim eu queria brigar, se algum homossexual olhasse pra mim eu ficava revoltado, então eu descobri que aquilo dali estava me ajudando virar um ser humano na verdade, entendeu? Porque eu era um ogro, então através dessas formações eu vi que cada vez eu tava melhorando, não só como pessoa, mas as pessoas conseguiam conviver comigo naquele ambiente 03, entendeu!

**Nathan** – Massa, e quais pontos que você falou da mediação, da mediação não, da formação, quais ponto da formação mais cativaram você?

**Mocoreta** – Então, de diversas formações que eu tive uma que me chamou bastante atenção é a questão do gênero que explicava um pouco, que tipo... Não é só lugar de menino jogar bola entendeu? Menina também pode, então isso aí foi uma experiência bem loca pra mim tipo... Porque querendo ou não aquele ogro, tipo você coloca um ogro pra jogar com as pessoas 04 então, aquele processo, mas também tive uma formação de jogo de bom tão tal, que também chamou muita atenção e eu consegui aderir que o futebol de rua, aqueles três quesitos do futebol de rua não ficava só no futebol e sim dava pra eu levar pra minha vida, questão de ser coletivo com as pessoas e de me por no lugar delas, entendeu, antes de eu falar eu pensar, entendeu, então isso foi um processo cativante, não só no futebol, pra mim, como na minha pessoa 05.

**Nathan** – Massa, e aí, o que significa pra você ser mediador no *Fútbol Callejero*?

**Mocoreta** – Então, no meu ponto de vista, querendo ou não eu sou uma liderança né e assim com o Educador foi uma liderança pra mim, assim como eu me espelhei nele, muitos jovens que hoje eu trabalho se espelham em mim, então tipo... Eu tento passar muito

pra eles tipo o contexto de vida mesmo que o futebol trouxe pra minha vida entendeu, até em muitos depoimentos minha mãe fala que eu respondia a ela e hoje eu escuto 06. Eu aderi esses conhecimentos pra mim e em meio de discussões tipo... Familiares eu falava: “Ó primeiro você e depois o outro” tal e isso deu pra vê que tipo... Consegue mesmo resolver as coisas entendeu? Tipo... Vamos supor, hoje um jovem tá na sua frente e você vai tomar decisões precipitadas, vai ficar pensando tipo... Ah se o professor fez isso porque eu não posso? Então tipo... Eu me vejo com uma referência, assim como lá trás o Educador foi pra mim, então eu me tiro como referência e como uma liderança da comunidade 07, entendeu? Então eu penso sempre na comunidade, através desse projeto hoje eu vejo que sou uma liderança e eu posso mudar a vida de vários jovens 08.

**Nathan** – Muito bom, tem algo que você queria acrescentar sobre esse assunto? Sobre algo que você queria acrescentar sobre essas perguntas que eu fiz antes que você gostaria de... Que talvez você não tenha falado e gostaria de falar, qualquer coisa aí é qualquer coisa mesmo.

**Mocoreta** – Tipo... Mas meu histórico assim tipo... Antigamente já eu já cheguei mesmo a usar droga, fazer mesmo esse monte de coisa tal, então através do futebol, o Educador me trouxe, conseguiu mostrar pra outras pessoas tipo ó eu consegui tirar o Mocoreta disso, através desse futebol, então você também consegue e através disso eu consegui trazer os meninos 09, mesmo no polo [Jardim Paulistano], onde eu atuo, tinha uma demanda tipo, a gente ocupava um espaço e ficava muitos meninos fumando maconha e aí sempre eu conversava com os meninos, hoje os meninos usa a droga deles, porém no espaço onde eles usavam drogas que é o do futebol, eles não usam mais, eles respeitam e até jogam o futebol, aderiram as regras, então isso pra mim tipo é como se fosse um processo de formiguinha, assim como eu aprendei eu tento transmitir pra outras pessoas e sempre tento transmitir meu lado bom né e querendo ou não sendo verdadeiro, mostrando desde onde eu era, de onde eu comecei e onde eu cheguei hoje 10. Hoje, graças a Deus eu consigo trabalhar com o futebol e ter uma renda tipo... Que de dois salários mínimos, então super massa. Hoje, graças a Deus, eu tenho minha casa, tenho minha família, consigo manter minhas contas, consigo por dinheiro na poupança, consigo guardar um dinheiro pra reforma da minha casa e guardar um dinheiro pra futuramente estar fazendo uma faculdade, através desse futebol 11, entendeu, então é uma coisa que... Tipo... Muitas pessoas acham que esse trabalho é fácil, mas não entende como é trabalhar com criança e ver uma se afundando e você não conseguir trazer essa criança pro outro lado, então muitas vezes você entra em um caso familiar que tipo, você tenta, tenta, tentar ajudar a pessoa, mas você não consegue trazer e aí você acaba ficando até



doente por conta disso, tipo as pessoas chega em você e fala: “Ah mas seu trabalho é fácil, é só dar treino”, mas não entende o contexto disso tudo 12.

**Nathan** – Incrível, beleza. Mocoreta, muito obrigado pela entrevista.

### **Valentina**

Ano de nascimento: 1997

Bairro em que mora: Motanhão / Vila Esperança – São Bernardo do Campo

Bairro onde atua: Montanhão / Vila Esperança

Autodeclaração de raça/cor: Negra

Escolaridade: Ensino Médio Completo

Há quanto tempo atua como mediador: 5 anos

**Nathan** – Então Valentina, como se deu a sua aproximação com o *Fútbol Callejero*?

**Valentina** – Minha aproximação com o futebol foi através do projeto meninos e meninas de rua, onde eu participava com a atividade de percussão, acho que eu tinha 16 anos, eu acho, mais ou menos isso e aí eles chegaram e conversaram com a Coordenadora do projeto, e aí ela me indicou e ela falou que eu já era uma jovem liderança 01, que eu já participava das atividades, me indicou. Aí eles pediram pra agilizar umas oficinas pra ver se ia rolar, em São Bernardo, né? E... E aí falaram: “Ah, você pode ser mediadora, se você quiser”, mas isso foi na época que o futebol veio pra São Paulo, foi em 2014 junto com a Copa e aí foi uma coisa muito nova pra todo mundo, tanto pra Ação, como pros outros polos e não foi diferente com São Bernardo também 02

**Nathan** – Legal, e aí, qual ou quais motivos fizeram com que você participasse do processo de formação de mediadores?

**Valentina** – Eu gosto de aprender muitas coisas, quanto mais eu aprendo... Eu gosto, gosto de aprender e eu não gosto de jogar futebol, sempre deixei claro, no começo eu resistia, eu falava: “Eu não sei jogar futebol e não quero participar disso”, aí falaram: “Não, funciona assim, você pode ser mediadora, você fala bem, você articula bem, você pega os assuntos bem”, aí eu fui vendo como era a função do mediador e aí eu fui gostando, e aí depois eu tive, além da experiência do mundial que eu participei jogando, não mediando, mas eu tive a experiência também na Argentina e depois que eu voltei, eu fiquei mais interessada ainda e aí eu participei das formações, pra poder ser uma mediadora legal e saber o que está fazendo né, porque a gente aborda vários temas e acontece várias coisas 03. Então, em

questão de gênero, em 2014 eu não sabia lidar com isso, em questão de gênero e depois que eu participei das discussões com este tema, acho que teve umas três formações só com a questão de gênero e eu me aprimorei mais e senti mais sede de ter conhecimento pra ser uma mediadora legal 04.

**Nathan** – Legal, e aí, o que significa para você ser mediadora do *Fútbol Callejero*?

**Valentina** – Ah essa pergunta é... (risos)

**Nathan** – É ampla (risos)

**Valentina** – É então (risos), o que significa pra mim? É... Ser mediadora é... Acho que eu... Não sei se poderia comparar a um professor e ao mesmo tempo um treinador, né? Porque o professor ensina mais valores e o treinador não, é mais o rendimento. Então você sendo mediador, você junta às duas coisas porque mesmo não gostando de futebol, tem as meninas que tem sede de saber jogar, de querer saber jogar e aí as coisas que eu aprendi com um dos Educadores da Ação Educativa, parar a bola, faz isso, faz aquilo e às vezes eu assisto alguns jogos pra poder ajudar essas meninas 05. É... Eu não sei especificar o que é ser um mediador porque a gente faz muitas coisas né, a gente ajuda, é... No meu caso, o polo de São Bernardo é mais crianças e adolescentes, a gente escuta as crianças e os adolescentes, a gente tenta ajudar a solucionar os problemas delas, tanto familiar, como na escola ou até mesmo ali na oficina, a gente faz muita coisa 06. Eu não consigo especificar o que é ser mediador, vamos dizer que a gente é um faz tudo (risos).

**Nathan** – (risos) Tá, e de tudo isso que a gente conversou você gostaria de acrescentar algo a mais, diferente disso, sobre o assunto de formação de mediadores, seu polo?

**Valentina** – As formações de mediadores são muito importantes, tanto pra quem está há muito tempo, quanto pra quem está chegando, agora os novos mediadores né? Quanto mais informação a gente tem é... Vamos dizer que a gente fica um pouquinho a mais capacitado né? E em meu caso assim, um pouco mais segura do que estou fazendo, do que eu estou falando pra aqueles adolescentes, quando vem me questionar alguma coisa eu vou tentar ajudar, então a formação é fundamental, acho que sem a formação ficaria mais difícil abordar vários temas 07 que a gente alega, é... Quando vai fazer discurso, ah questão de gênero, a gente faz a questão de gênero, questão racial, a gente fala também, questão urbana, que você tem direto a isso, isso, aquilo, a gente fala também, então se a gente fala, quando você sabe do assunto, você se sente mais seguro, então é importante, dá uma segurança a mais para o mediador 08. Sobre o polo, cada polo tem a sua característica né? E como o projeto meninos e

meninas de rua sempre trabalhou com criança e adolescente, então o polo de lá sempre foi com criança e adolescente, vamos dizer assim, era mais as minhas irmãs que participava, então é um polo um pouco diferenciado, é outro tipo de público, você tem que saber lidar 09, né? Ah é criança, é fácil, só jogar uma bola e falar qualquer coisa, não! São crianças, eles estão curiosos e aí eles acham que tudo o que eu falo tá certo, não. Não é tudo o que eu falo está certo, eu aprendi assim, você pode aprender de outra forma também e ninguém é dono da razão. É difícil colocar na cabeça das crianças que ninguém é dono da razão. Os pais impõe isso, eu sou o dono da razão e você tem que ficar calado. Aí você vem na contra mão, você é a mediadora e vem na contra mão de tudo aquilo que eles aprendem, mas o bom é que eles têm sede, então, enquanto esse público tiver sede de conhecer, de tentar caminhos diferentes do que é imposto a eles, é importante tem um mediador ali pra ajudar 10.

**Nathan** – Legal, muito obrigado viu Valentina.

### **Luciana**

Ano de nascimento: 1997

Bairro em que mora: Guaianazes

Bairro onde atua: Sapopemba

Autodeclaração de raça/cor: Preta

Escolaridade: Ensino Médio Completo

Há quanto tempo atua como mediador: 4 anos

**Nathan** – Então Luciana, como seu deu sua aproximação com o *Fútbol Callejero*?

**Luciana** – Então, minha aproximação de se deu no ano de 2015, quando aconteceu a Copa América porque o pessoal ia viajar, né? A rede paulista e acabou que uma menina não poderia ir por conta de idade e aí eu fui convidada a tá indo participar e acabei conhecendo a metodologia através desse momento 01.

**Nathan** – Legal, e aí, qual ou quais motivos fizeram com que você participasse do processo de formação de mediadores?

**Luciana** – Então, quando eu voltei da Copa América em 2015 com o Brasil saindo campeã, é campeão, aí eu já voltei com essa vontade de ser mediadora porque eu jogava futebol de alto rendimento e aí eu queria ter essa prática, também, da mediação porque eu vi que era algo totalmente diferente, algo que realmente me encantou pela transformação que causou exatamente em mim assim, não foi nem um transformação que eu vi em outras

pessoas, foi algo que eu vi acontecer comigo e isso me ajudou bastante pra ter essa vontade de querer participar desse processo de formação e virar uma mediadora pra poder, também, disseminar essa metodologia 02.

**Nathan** – Legal, e aí, o que significa para você ser mediadora do *Fútbol Callejero*?

**Luciana** – Então, ser mediadora do *Fútbol Callejero* significa você ser um agente de transformação, como eu dou oficina para crianças, adolescentes e jovens é... Significa muito porque você vê a transformação mesmo assim, acho que... No começo quando a gente falava sobre, se um novo futebol era possível? A gente colocava isso como um questionamento e hoje em dia a gente vê que realmente na prática é algo que é real e que transforma realmente as crianças, adolescentes e jovens, também essas crianças multiplicam isso nas suas casas, melhorando o convívio com a família, então é mais por esse viés 03.

**Nathan** – Massa, e aí, tem uma questão aqui, que é se você gostaria de acrescentar algo mais sobre o assunto? E aí você pode falar de uma maneira geral, mas um pouco dessa sua experiência como representante jovem internacional.

**Luciana** – Então, é... Acho que é... O que eu tenho mais para falar sobre o futebol é que o futebol realmente é uma ferramenta de transformação que deve ser bem utilizada, através da mediação eu pude alcançar outros lugares 04, né? Porque através da instituição eu acabei participando da rede de jovens do Brasil, depois de ter virado mediadora e com isso eu fui escolhida pra ir pro Peru pra uma conferência latino-americana, depois disso eu fui escolhida pra representar a América Latina e aí após isso, no ano de 2018 eu fui pra Alemanha pra uma conferência, onde acabei virando representante jovem internacional 05. Então, é muito legal porque eu sou, é... Hoje eu dou oficina pra jovens, mas antes eu era uma desses jovens, então eu vejo a capacidade que esse projeto tem porque ele é capaz de impulsionar mesmo assim, acho que, não é só a questão do futebol em si, o *Fútbol Callejero* ele não trabalha só com futebol pelo futebol, não, ele tenta fazer essa questão de ajudar a formar cidadãos, pessoas pensantes, pessoas que saibam articular, que saibam que se colocar, trabalhando esse lado do respeito, da cooperação e da solidariedade e isso algo que hoje eu levo pra minha vida 06. Então, quando eu vou lá fora é... Pra outro país a única coisa que eu sempre levo em mente é de demonstrar a força que tem essa metodologia e que não só no futebol, mas que também ela pode ser levada é... Pra todos os âmbitos assim e isso ajuda muito os jovens, as crianças e os adolescentes a fomentar cada vez mais buscar e o mais importante, que acho que foi o que aconteceu comigo e que eu espero que aconteça com muitas pessoas, como também os mediadores que eu tenho conhecimento, é de você dar uma

perspectiva diferente da perspectiva que existe nas comunidades, nas favelas, então acho que é importante por esse lado é... Você vê que um jovem ele tá com uma perspectiva diferente, que ele está querendo buscar coisas, não o lado fácil, mas entender que o trabalho é árduo, porém vale a pena no final **07**.

**Nathan** – Legal Luciana, muito obrigado pela entrevista viu.

**Luciana** – Valeu.

## ANEXO I

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A PRÁTICA SOCIAL DA MEDIAÇÃO NO FÚTBOL CALLEJERO:  
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES

**Pesquisador:** NATHAN RAPHAEL VAROTTO

**Área Temática:**

**Instituição Proponente:** CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

**Versão:** 3

**CAAE:** 92762318.0.0000.5504

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**Número do Parecer:** 2.965.967

## ANEXO II

Vai logo neguinho, corre atrás do seu,  
 Só não esquece que o camburão tá logo atrás.  
 Vai neguinho, corre mais um pouco ainda,  
 Finge que no final da corrida tem um pipa.  
 Aproveita e solta a imaginação,  
 Pois, só assim pra te deixarem ser criança, mas não sonha muito tempo não,  
 Porque senão na mesa da sua casa faltará o pão! Pra você, tua mãe e teus  
 irmãos.  
 Então corre neguinha, pega uns trocados e vai pro farol,  
 Mas fica ligada com os maus olhados,  
 Tá ligado, que quando nos veem vendendo algo,  
 É o mesmo pra policial que droga no tráfico.  
 Mas corre neguinho! Os caras querem pegar sua bala,  
 Seu amendoim, sua história, querem te devolver pra senzala.  
 Aproveita que o Brasil é o time do futebol,  
 Dizem que a gente nasce com a ginga no pé,  
 Então dribla essas dificuldades,  
 Senão o que resta pra nós não é nada redondo como a bola,  
 É quadrado e faz um mal danado e nosso currículo que já vem manchado.  
 Do lugar de onde “nóis” é,  
 Nosso sonho mesmo era ver a menina brincando, podendo ser quem ela é.  
 Sem o senta direito, tenha postura, A CULPA É SUA!  
 FALA SÉRIO, 2020 a gente pensou que já teria até carro voador,  
 Mas tem presidente opressor, dizendo que ditadura foi um movimento,  
 Dos lentos, sem prejuízo, SILÊNCIO.  
 Brasil calou, a maioria aceitou e o negócio de mal a pior, PIOROU.  
 Falta escola de qualidade,  
 Falta saúde pros pais e filhos da nossa comunidade,  
 Não é fácil, mas “nóis” continua driblando as dificuldades  
 DRIBLA, DRIBLA, DRIBLA!  
 Ó lá, a tia e o tio do futebol chegou,  
 Mas aí tios, que negócio é esse de metodologia,  
 Que “nóis” faz os três tempos e só pontua se todo mundo participa?  
 Ó tio, ele não levantou a mão, isso aí é falta de respeito,  
 Desse assunto eu entendo direito  
 Lá em casa é complicado, meu pai bate na mãe e  
 Só levanta a mão pra um objetivo,  
 Prefiro esse aqui, é mais construtivo.  
 Mas ou tia, não me senti participativa,  
 Mas na vida, a pegada é bem mais sofrida,  
 Tô ligada que a mina recebe menos,  
 Se for preta, periférica, passa ainda mais veneno,  
 Ninguém promove participação de quem é fantasma,  
 Estatística de execução.  
 Aqui é da hora, a gente joga e se não rolar a gente tem o direito de falar,  
 Eu não sei ler nem escrever, mas tô aprendendo a me posicionar.  
 Terceiro tempo pega fogo e a gente precisa desenrolar  
 Mas aí tio, teve solidariedade,  
 Porque no lance ali o menino ajudou o outro a levantar do chão,  
 Estendeu a mão!!! Logo “nóis” que não tem mão e nem ajuda de ninguém?

Fazer o bem é tirar tudo de ruim que a gente passa, o melhor que se tem.  
É fácil não tia, mas o futebol tá me ajudando a fazer coisas diferentes,  
Isso me deixa contente.  
Na escola falei que era do Cedeca,  
Tive até uma oportunidade de bate papo com a diretora  
Falei pra fazer grafite nos muros da escola,  
Pro nosso espaço ficar mais da hora.  
Aos poucos a gente vai alcançar,  
Futebol é a palavra, a gente entende que tem diversas paradas,  
Corrupção, dinheiro público, má gestão.  
Mas pra quem quer mudança,  
Não tem só que criticar, mas sim achar solução.  
Olha o futebol de rua aí, como outra sugestão,  
De acolhimento, solidariedade, cooperatividade e respeito.  
Proposta de aprendizagem, o brincar como alternativa para transformar.  
O ato de jogar, gatilho pra se dialogar,  
A sacada de re-significar, o que já acontece na rua da quebrada.  
Pés descalços, sem juiz, bola,  
Garrafa pra marcar o gol e sorriso de criança feliz.  
Bola nem sempre cheia, de marca, mas sempre redonda, barata.  
A gente acredita e aprende junto,  
Repassa tudo o que sabe, constrói em conjunto.  
Futebol de rua, arte e cultura em prol a um único objetivo;  
Lutar pelos direitos das crianças, em prol a esperança,  
De um melhor presente e futuro.  
(Luciana)